

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

Pedro Lukas Trindade de Freitas

**A TARTARUGA-DESCABELADA: associações e fronteiras entre naturezas e
culturas em um projeto de conservação**

Vitória - ES

2014

PEDRO LUKAS TRINDADE DE FREITAS

A TARTARUGA-DESCABELADA: associações e fronteiras entre naturezas e culturas em um projeto de conservação

Monografia apresentada para a disciplina Monografia II, como requisito para conclusão de curso de Bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Espírito Santo. Professora orientadora: Dra. Eliana Santos Junqueira Creado.

Vitória / ES

2014

PEDRO LUKAS TRINDADE DE FREITAS

A TARTARUGA-DESCABELADA: associações e fronteiras entre naturezas e culturas em um projeto de conservação

Monografia apresentada para a disciplina Monografia II, como requisito para conclusão de curso de Bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Espírito Santo.

Dra. Eliana Santos Junqueira Creado (Orientadora)

Dra. Celeste Ciccarone

Vitória, ____ de Agosto de 2013.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, aos deuses e deusas, aos mares e florestas, jabuticabas e besouros, pela vida da vida...

À minha família, pai e irmã, por estarem sempre aqui...

Aos meus amigos/irmãos Henrique, Matheus, Clarinha, Venturine, Franco, Kell, Paulinho, Preta, principalmente pelos afetos e conversas compartilhados madrugadas afora...

Agradeço especialmente à professora Eliana Creado, pelo grande carinho, cuidado e paciência durante estes anos de pesquisa. Aos demais professores, Chico, Sonia Missagia, Celeste, Cristiana, pelo estímulo que suas figuras de professores inspiram...

A todo pessoal do Tamar com que pude entrar em contato, em especial os estagiários Hilton, Marjorie, Murilo e Paulista...

E finalmente a Leonardo, Michelangelo, Donatello e Rafael, as primeiras tartarugas por quem me afeiçoei.

RESUMO

As tartarugas marinhas são emblemas para a biologia da conservação estando envolvidas diretamente com as questões ambientais no campo político, bem como as da tecnociência. O foco deste trabalho é a atuação do Projeto Tamar. Este é um programa de conservação ambiental de ampla repercussão e relevância para biologia da conservação no Brasil, dispendo ao todo de bases em sete estados brasileiros. Propõe-se analisar a atuação conservacionista e política; a produção tecnocientífica; e os vínculos subjetivos que os pesquisadores vinculados direta ou indiretamente ao projeto Tamar estabelecem com as tartarugas marinhas e com as comunidades costeiras – no caso, a vila de pescadores de Regência, em Linhares, ES. Ressaltamos as interconexões entre a ciência, a técnica, a política e os valores morais. Outro eixo de análise recairá sobre o debate entre as fronteiras entre o animal e o humano, observando-se as hierarquias entre humanos e não-humanos que constituem os pontos de partida dos trabalhos desses profissionais.

Palavras-chave: Projeto Tamar; antropologia da ciência; conservacionismo; fronteiras entre humanos e não humanos.

ABSTRACT.

Sea turtles are emblems for conservation biology, and they are directly involved in environmental issues on the political and techno-scientific fields. This study focuses on the Tamar project - an environmental conservation program of broad impact and relevance in Brazil, featuring bases in seven states. The proposition here is to examine the conservationist, the political action, the techno-scientific production, and the subjective links established between the Tamar project researchers, the turtles and coastal communities. This work emphasizes the interconnections of scientific, technical, political and moral values. It also analyzes the debate over the boundaries between animals and human beings, observing hierarchies of humans and non-humans that constitute the starting points of the work of these researchers.

Key-words: Tamar project; anthropology of science; conservationism; human-nonhuman borders.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
1.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE O RECORTE DO “OBJETO”-TARTARUGA	11
2. CAPITULO I – A TARTARUGA INSTITUCIONAL	14
2.1 ORIGENS DO TAMAR e REGÊNCIA ANTES DO TAMAR	14
2.2 ALGUMAS REDES DA TECNO-CIÊNCIA	18
2.3 SOBRE TRANSFORMAÇÕES E NOVOS VINCULOS COM A TARTARUGA.....	26
2.4 DA PREDUÇÃO À PROTEÇÃO	29
2.5 DA PROTEÇÃO À PREDUÇÃO	36
2.6 DO “ESTADO DE NATUREZA” AO “ESTADO DA CONSERVAÇÃO”	44
3. CAPITULO II – CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONTATO COM A NATUREZA EM REGÊNCIA	50
3.1 OS TRABALHOS DE CAMPO	50
3.2 ESTAR EM REGENCIA.....	54
3.3 MUITA NATUREZA E POUCA CULTURA	56
3.4 OS CONTATOS COM A NATUREZA.....	58
3.5 A CAREBADA E O CASO DA TARTARUGA LOUCA.....	65
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
REFERÊNCIAS:	79
ANEXO	83

1. INTRODUÇÃO

A natureza entendida enquanto 'recurso natural' - é assim que se entende a natureza principalmente em instâncias políticas e científicas – há algum tempo tem sido algo que chama minha atenção, e me causa algum desconforto. Tratar da natureza como recurso, tornou-se um recurso naturalizado. Guatarri ressalta em “As três ecologias” (2009) como a lógica do capital *tende a descentrar seus focos de poder das estruturas de produção de bens e serviços para estruturas produtoras de signos, de sintaxe e de subjetividade...* (p. 31). Essas produções de *signos, sintaxes e subjetividades*, relativas à(s) natureza(s), são grosso modo, o objetivo deste trabalho; isto tal como estas produções são operadas pela sociedade moderna.

No intuito de levar adiante o projeto antropológico que visa ao estudo dos modernos (LATOURE, 1994), procurei observar alguns processos e mudanças relativas a concepções sobre a natureza na cosmologia naturalista (DESCOLA, 2000; VIVEIROS, 2002). Como representantes emblemáticos, os cientistas são um dos principais (se não os principais) atores envolvidos na formação e sustentação de nossa cosmologia ocidental (LATOURE, 1994). Cosmologia esta onde predomina a percepção de um mundo natural independente do mundo da cultura, ou seja, a percepção de que a natureza é transcendente ao mundo humano, de tal modo que seriam os cientistas a comunidade de sábios capazes de ter acesso a este mundo (real) e trazer o conhecimento da verdade (LATOURE, 2004a).

Escolhi trabalhar com os biólogos da conservação, observando então os processos que engendram transformações observadas nas hierarquias e fronteiras onde se situam os seres de determinado coletivo (DESCOLA, 2000), como estas transformações tendem a ser naturalizadas, e algumas consequências disso. Escolhi trabalhar especificamente em numa pequena vila de pescadores no norte do Espírito Santo: Regência; onde já se verificou, em outros estudos (SUASSUNA, 2005; J. RODRIGUES, 2004), que houve uma significativa alteração no modo em que se opera a relação com a natureza. Ali temos a tartaruga enquanto o representante emblemático nesta relação entre entes natural e cultural, já que sua importância é inquestionável tanto para os biólogos da conservação quanto para os nativos da pequena vila.

Um primeiro olhar sobre a questão poderia revelar uma grande importância institucional no modo como a comunidade bem como os visitantes passaram a encarar a tartaruga, tendo em vista que todo o manejo, o trabalho de proteção, de educação ambiental e de criação da ReBio de Comboios teve como agente central uma instituição híbrida de governo (Centro Tamar, ligado ao ICM-Bio) e ONG (Fundação Pró-Tamar) (SUASSUNA, 2005). Este é um programa de conservação ambiental de ampla repercussão e relevância para biologia da conservação no Brasil, dispondo ao todo de bases em sete estados brasileiros. Com uma trajetória iniciada na década de 1980, o projeto mantém intercâmbio e cooperação tecnocientífica com diversas entidades nacionais e internacionais, estando de acordo com as normas estabelecidas pela União Internacional para Conservação da Natureza (IUCN). Neste sentido, o trabalho propõe-se a analisar a atuação conservacionista e política; a produção tecnocientífica; e os vínculos subjetivos que os pesquisadores vinculados direta ou indiretamente ao projeto Tamar estabelecem com as tartarugas marinhas e com as comunidades costeiras – no caso, a vila de pescadores de Regência, em Linhares, ES. Ressaltamos as interconexões entre a ciência, a técnica, a política e os valores morais (CREADO et al., 2012). Interconexões já ressaltadas por autores como Latour (2000 e 2004).

Apesar da maior inspiração teórica deste trabalho advir do lado da antropologia da ciência (LATOURE, 2000; 2004), não tomo o Tamar estritamente como um representante unívoco da ciência, ou mesmo do governo, uma vez que ele constitui de certa forma um “nó górdio” de relações entre a “*sociedade*” (senso comum das populações que não tem contato direto, cotidiano, com as tartarugas – *os turistas* de Regência, por exemplo); as “*ciências*” (biologia da conservação, ecologia e veterinária); as *instituições conservacionistas* (diretrizes internacionais e governamentais); as *populações de tartarugas*; e as *populações locais* (que já detinham certos saberes e relações com os animais). Uma vez que o Tamar se constitui como ponto para onde afluem diversos fluxos globais e locais, de significado, de ação e de poder, temos que este assume particular importância enquanto agente híbrido (no sentido de Latour, 1994), que permite pensar as relações “global x local” e “natureza x cultura”, donde advém a escolha por trabalhar com a teoria ator-rede.

Mas em que consiste o trabalho do Tamar na prática da conservação das tartarugas marinhas? Dando continuidade à (filiação) teórica adotada, enfatizarei no trabalho do Tamar a produção dos 'objetos científicos', ou ainda a objetivação dos seres da natureza. Esta discussão se insere em recente debate que ocorre no âmbito da antropologia com autores que estudam os "grandes divisores" ontológicos no ocidente (DESCOLA, 2000; LATOUR, 1994; WAGNER, 2012). As distinções natureza x cultura, humano x animal, são segundo esses estudos tomados como construções ontológicas que operam no ocidente, ao passo que, em outras cosmologias, estas distinções seguem lógicas variadas (VIVEIROS, 2002; DESCOLA, 2000). A produção dos objetos, portanto, visa constituir testemunhos dignos de fé que fariam cessar as discussões humanas, ou seja, o testemunho destes corpos inertes, incapazes de vontade ou preconceito é que teriam a capacidade de indicar de forma confiável os fenômenos (naturais) (LATOUR, 1994; 2004a). As redes de práticas da tecnociência, neste sentido, tornam um objeto, um testemunho isolado, em algo que se pretende universal na medida em que é disseminado através destas redes (LATOUR, 1994). A disseminação destas práticas significa, portanto, dizer disseminação das tais tecnologias e dispositivos de medição e/ou intermediação (específicos) que demonstram a expressão de uma natureza que apesar de universal, é um universal em rede (LATOUR, 1994, p.30).

Esta natureza específica (e constantemente reinventada) produz "tartaruga/s" como "recursos naturais compartilhados globalmente", ou como "recurso de diversidade genética". Por outro lado, precipita (WAGNER, 2012) uma agência animal, na prática de campo, e em atividades de pesquisa ou de controle e monitoramento das praias, onde desovam, que, no entanto, desaparece no discurso científico, purificado.

Mas qual ambiente é esse (e como o descreveríamos?) que parece necessitar destes "recursos genéticos" (diversidade genética)? Que forças e objetos ele mobiliza nos contextos onde ele aparece? Como ressalta Stelio Marras (2013) ... *explicar alguma coisa exige não uma tarefa transcendente de gabinete, não a clarividência do epistemólogo e sua autoridade de saber, mas exige situar essa coisa no seu... ambiente.* Ele chama a atenção para o risco de se caracterizar a noção de 'ambiente' como descontínua aos 'seres' ou 'entes'; risco de se aderir a um entendimento centrado em *individuações dadas ou definitivamente estáveis.* É deste

modo que tenho como pressuposto que aquele ambiente está necessariamente implicado nos sujeitos que o estudam e nos pressupostos (ontológicos) que carregam. Contudo, este aspecto que considera este emaranhamento (INGOLD, 2012) ‘entes’-e-‘ambientes’ é mais bem explorado no segundo capítulo, a partir dos engajamentos estagiários-praia-vila-tartarugas.

Por outro lado o primeiro capítulo tece argumentos no sentido de pensar o que chamei de “território” da conservação; Marras (2013) assim define:

... muito mais que ambiente, o território seria, aí sim, um lugar, um espaço com limites ou contornos definidos – ainda que limites sempre sob disputa, como se essas disputas se traduzissem no ajuste, não na coincidência dos limites territoriais em relação aos nós do ambiente, nós e linhas que frequentemente se derramam pra além dos contornos fixos¹. E então me parece que podemos assim evocar ou extrair o ambiente (ambiente conceitual, teórico, político) da noção de território, isto é, reconhecer que essa noção de território é primordialmente, mesmo originalmente estatal. Daí a razão de se falar em território indígena, território quilombola, área de segurança nacional, Unidade de Conservação, Reserva ambiental, etc. eu diria mesmo que essa noção de território invade até o pensamento e a prática da ecologia, que com tanta frequência se serve dessa noção de território para definir, conforme a rubrica deste termo em ecologia, a “área que um animal ou grupo de animais ocupa, e que é ‘defendida’ contra a ‘invasão’ de outros indivíduos da mesma espécie”. Área, defesa, invasão – vocês vão vendo aí o vocabulário, o ambiente conceitual da noção de território em ecologia que, inadvertidamente ou não, se encontra esposado com os desígnios estatais.

É partir disso que procuro cunhar no final do primeiro capítulo a noção de “Estado de conservação”, buscando com isto explicitar os engajamentos, os pactos, vínculos sociais, estabelecidos entre os seres nos limites daquele território, mas que sem dúvida extrapolam estes limites inevitavelmente. A questão, contudo, são os pressupostos ontológicos em jogo ali. Deste modo, este “Estado de conservação” trata de uma “história das populações” de tartarugas diante de um poder centralizado que coordena a ação humana ecologicamente segundo os preceitos do Estado (Dominação racional-legal e carismática em SUASSUNA, 2005). Por outro lado, seguindo os preceitos da “antropologia política” de Pierre Clastres, procurei orientar minha reflexão não no velho problema da representação do poder, mas no seu exercício (apud LIMA; GOLDMAN, 2013; em prefácio de edição brasileira do livro *A Sociedade contra o Estado*):

... como já observara Michel Foucault, *A Sociedade Contra o Estado* oferece nada menos que uma nova concepção de poder como tecnologia [grifo

¹ ‘Nós’ e ‘linhas’ são referências a concepção de INGOLD (2012) sobre o ambiente.

meu], pronta a emancipar a antropologia do primado da regra e da proibição (p. 19)

E logo antes ele diz:

... e se o poder [...] define-se como força que cria e sustenta um espaço coletivo, ele não se acompanha menos de forças centrífugas, ou contra-poderes [...], que criam um espaço de errância e são irreduzíveis a todo modelo jurídico. (LIMA; GOLDMAN, 2013, p. 19)

Disto, o poder como tecnologia, não pode se exercer de fato sem o exercício da técnica. A manutenção, portanto, do “Estado de conservação” exige um certo controle, esforço e vigilância, donde buscamos esboçar uma etnografia das técnicas utilizadas pelos estagiários na sustentação daquele coletivo.

Assim sendo, no segundo capítulo, foquei principalmente na relação dos estagiários. Tal como se entende naturalisticamente, são eles que grosso modo estão lidando com a tartaruga *em si*. Este animal foi a bandeira para a territorialização das práticas conservacionistas, em Regência, isto é, representa o nó górdio para onde fluxos de poder convergiram para a instauração deste Estado. A ênfase que dei aos estagiários está no fato de que, em comparação a os outros atores, eles estão mais relacionados com o animal *em si* e com (parte de) seu ambiente. Isto me parece importante já que são nos encontros pragmáticos (MAURO ALMEIDA, 2013) que ocorrem engajamentos fundamentais para mobilização política da natureza; é ali que está o subtrato de onde afloram as ontologias.

1.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE O RECORTE DO “OBJETO”-TARTARUGA

O objeto da antropologia seria a variação das relações sociais (VIVEIROS DE CASTRO, 2002). A tartaruga enquanto objeto(-sujeito) é descabelada ao se revelar em seu movimento. Movimento, este que é vida (INGOLD, 2012) e que a leva a se relacionar diferenciadamente dependendo de seu ambiente, ou seja, dependendo de com quem se relaciona - ambientes: oceanos, países, praias/costas; e homens: técnicos, turistas, carebeiros, pesquisadores, antepassados primitivos. Neste sentido cabe colocar em discussão a questão das “emoções” que as relações produzem, conforme levantadas por Maturana (2001). As afetações, como pretendo demonstrar, podem modificar o tipo das relações a ponto de revelar controvérsias/contradições entre o tipo de relação proposto pelo discurso

tecnocientífico, purificado, e a dimensão prática do mesmo, na qual ocorre a interação homem-animal propriamente dita. Desse modo, a distinção que traço a partir da variação das relações sociais é meramente metodológica, e são no sentido de evidenciar as variações que envolvem a tartaruga, não tendo por finalidade desmerecer ou exaltar quaisquer delas.

Se um objeto está emaranhado nas mais variadas redes, teias, que tecem o real, o recorte de um objeto não pode senão deixar inúmeras pontas soltas, inacabadas, de modo que a aparência de nossa tartaruga, nosso pretense “objeto”, é a de um bicho ‘descabelado’, despenteado, desarrumado, já que soltamos (cortamos) suas amarrações que lhe dão estabilidade no presente. Assim, o modo como ela se apresenta é sempre relativa ao “tipo de corte” que fazemos dessas linhas (de fuga); é sempre uma aparência, e sempre inacabada, mas nem por isso menos interessada.

Na realidade em si, o caráter “inacabado” dela se dá por outros motivos, que não os limites da descrição, da perspectiva, da representação. Ele acontece, sobretudo, devido à sua diferenciação constante – para retomar Tarde (2007)². Pela representação o “ser” é inacabado pela deficiência proferida pelo recorte; já a existência é o “haver”, que impede a formação de uma finitude. Ademais, acredito que o caráter inacabado ou o aspecto rascunhado ainda tenha muito a contribuir, mesmo que esta não seja a ideia predominante na academia, como o apontou Bourdieu:

Hei-de apresentar aqui – será, sem dúvida, mais adiante – pesquisas em que ando ocupado. Terão ocasião de ver no estado que se chama nascente, quer dizer, em estado confuso, embrionário, trabalhos que, habitualmente, vocês encontram em forma acabada. O homo academicus gosta do acabado. Como os pintores acadêmicos, ele faz desaparecer dos seus trabalhos os vestígios da pincelada, os toques e os retoques: foi com certa ansiedade que descobri que pintores como Couture, o mestre de Manet, tinham deixado esboços magníficos, muito próximos da pintura impressionista – que fez contra eles – e tinham muitas vezes estragado obras julgando dar-lhes os últimos retoques, exigidos pela moral do trabalho feito, bem acabado, de que a estética acadêmica era a expressão (BOURDIEU, 2004,p.19).

A confecção deste trabalho muito me instigou às dúvidas e aos devaneios, e, no intuito de deixar estes resíduos evidentes, em meio ao trabalho, encontram-se algumas reflexões que acompanharam a sua feitura, por deixarem à vista a

² “Existir é diferir” (TARDE, 2007, p.98).

perspectiva de onde falo e, obviamente, submeter-me às discussões que possam suscitar. Desse modo, creio que o inacabado possa ser mais produtivo, excitante, do que o esclarecimento e a finitude. Este nosso “objeto”-tartaruga então tem a ver com a “objetividade relativa” (WAGNER, 2012) naquilo em que considera esta objetividade baseada nas características de uma cultura específica (WAGNER, 2012, p.39), a saber: nossa cultura científica moderna, ou pelo menos o seu discurso hegemônico. Minha preocupação estará antes nos movimentos de objetivação do que no objeto em si mesmo.

2. CAPITULO I – A TARTARUGA INSTITUCIONAL

*O que é que a ciência tem?
Tem lápis de calcular
Que é mais que a ciência tem?
Borracha pra depois apagar...*

(RAUL SEIXAS – Todo Mundo Explica)

2.1 ORIGENS DO TAMAR e REGÊNCIA ANTES DO TAMAR

O ciclo das tartarugas marinhas é fascinante, complexo e ainda desconhecido em vários aspectos – assim como eram, para nós, os lugares e pessoas com quem compartilhamos as mesmas praias. A busca de informações básicas sobre esses animais, ao longo do litoral brasileiro, nos expos na prática, e pela primeira vez, a esse estreito contato homem-natureza.

Assim percebemos, desde o início, que o Projeto Tamar somente se tornaria viável se encontrasse a harmonia com os interesses e o modo de vida dos habitantes desses ambientes costeiros. Harmonia essa que já se traduzia em alguma solução sustentável, através da qual as comunidades locais e as tartarugas pudessem conviver e se beneficiar mutuamente. (Fundação Pró-Tamar, 2000, p. 10)

Este pequeno texto que se encontra na introdução do livro “Assim Nasceu o Projeto Tamar” serve como um bom ponto de partida acerca da perspectiva do trabalho que se segue. Revela, do ponto de vista do objeto, o Projeto Tamar, as preocupações que norteiam a atividade conservacionista do Projeto. Tais preocupações inclinam-se rumo a uma “harmonia” com as comunidades locais onde se estabelecem as bases, buscando a ‘co-vivência’ entre estes e as populações de tartarugas.

A origem do Projeto Tamar revela ainda algumas facetas importantes para o entendimento da sua prática conservacionista. A mesma fonte aponta que, no final da década de 1970, o Brasil não contava com nenhum programa ou unidade de conservação marinha. Como as tartarugas marinhas representam um recurso natural globalmente compartilhado e sua preservação é vista como exigindo um esforço conjunto dos países integrantes das rotas migratórias, havia pressão internacional no sentido de que o Brasil revertesse essa situação (Fundação Pró-Tamar, 2000:

p.21). Assim, Maria Tereza Jorge Pádua, então na Diretoria do Departamento de Parques Nacionais e Reservas Equivalentes do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF, órgão precursor do IBAMA), começou a atuar nesse sentido e buscou especialistas na única faculdade de oceanologia do país, para efetuar um levantamento das áreas de desova no litoral brasileiro (Fundação Pró-Tamar, 2000; ver também J. RODRIGUES, 2004):

Começamos tudo do zero, com muita dificuldade, porque não havia tradição em oceanologia no Brasil nem equipamentos adequados disponíveis. Mas conseguimos contratar especialistas, fomos buscá-los na única faculdade de oceanologia do país. Tivemos a felicidade de escolher as pessoas certas. Eles não tinham medo, mergulhavam, viajavam em qualquer embarcação, para qualquer lugar, sem seguro de vida, sem seguro saúde. (palavras de Maria Tereza Jorge-Pádua; em Fundação Pró-Tamar, 2000, p. 23)

A origem do programa, marcada pela prática efetiva da conservação nas praias de desova, sem estrutura montada, recebe destaque no discurso do Tamar para o rumo que tomou o projeto. Um espírito aventureiro e o empenho pessoal mesmo das pessoas envolvidas destaca-se no que mostra fortes valores envolvidos na prática da conservação feita pelo programa. Ao menos em seu início isto parece ter tido fundamental importância, como relata acima Maria Tereza e também aparece destacado em J. Rodrigues (2004). Neste mesmo sentido, Cecilia Baptistotte (coordenadora nacional de veterinária do Tamar) disse, em entrevista, sobre a origem do projeto:

na verdade, a gente foi construindo da praia mesmo, de baixo para cima. Não foi um programa... porque, tipo assim, é diferente da SOS Mata Atlântica, que trabalha a questão da política da conservação... montaram um escritório em São Paulo, até fazem alguns projetos, mas tem um outro foco assim. O Tamar não, começou na praia mesmo, monitorando as áreas de desova, a gente focou realmente nas principais áreas de reprodução que foi Regência, Praia do Forte, na Bahia, e Pirambu, em Sergipe...Foram as três primeiras bases. Então o trabalho começou mesmo na praia, no começo a gente não tinha nenhuma infraestrutura,é diferente né... (em entrevista concedida a CREADO e FREITAS, em 23/01/12; Vitória, ES).

A partir da prática, os oceanólogos entravam em contato direto com as comunidades costeiras onde existiam desovas, e daí aconteciam as trocas (ou omissão) de informação e de saberes entre eles e os moradores sobre as populações de tartarugas (Fundação Pró-Tamar, 2000, p. 28 e 29; ver também J. RODRIGUES, 2004).

Estas interações com a comunidade, ainda que aparentemente não ligadas a um programa de conservação da biodiversidade, não poderiam ser desconsideradas. A atuação do programa afeta diretamente a vida dos grupos sociais locais. No caso de Regência, por exemplo, a comunidade fazia uso da carne e dos ovos (Fundação Pró-Tamar, 2000, p. 28 e 29; ver também J. RODRIGUES, 2004; SUASSUNA, 2005). Localmente a prática de ‘caçar’ ovos durante a noite no período de desova era bastante comum, eram chamados “carebeiros” os quem detinham os saberes sobre tais práticas. No início, muito desses saberes foi utilizado pelos oceanólogos na procura dos ninhos e alguns desses ‘carebeiros’ vieram a se tornar empregados do Tamar, passando a utilizar seus conhecimentos para a conservação das tartarugas (Fundação Pró-Tamar, 2000: 28 e 29; ver também J. RODRIGUES, 2004³), embora a importância desse mesmo uso de recursos ou desse conhecimento local seja por vezes minimizada no texto do livro “Assim nasceu o Projeto Tamar” ou na fala de um dos entrevistados do Tamar (entrevistado em 31/01/12; por CREADO e FREITAS).

Não sem alguma resistência, a Fundação Pró-Tamar, organização não governamental criada em 1988⁴, teve grande importância nas mudanças observadas na dinâmica da comunidade de Regência no que tange às relações de reciprocidade ali estabelecidas. A partir da possibilidade de contratar pessoal para as atividades de conservação, a Fundação agiu integrando a comunidade local ao programa de conservação das tartarugas (J. RODRIGUES, 2004). Esta preocupação parece estar presente desde as primeiras atividades do projeto, tendo aparecido em vários pontos da pesquisa realizada, tanto nas entrevistas com técnicos do Tamar como no material bibliográfico produzido pelo projeto (Fundação Pró-Tamar, 2000; SANCHES, 1999; ICMBio, 2011) e também em J. Rodrigues (2004). Aparentemente, a criação da Fundação Pró-Tamar está muito voltada a isso, uma vez que ela permite certa independência com relação às diretrizes de conservação instituídas

³ Esse tema também foi destacado em conversa informal com J. Rodrigues, realizada por Creado e Freitas em 22/06/2012. Agradecemos-la pela atenção e pela disponibilização de arquivo digital com sua dissertação de mestrado, não publicada.

⁴ O Projeto TAMAR iniciou-se no final da década de 1970, sendo que, apenas em 1990, foi criado o Centro Nacional de Conservação e Manejo de Tartarugas Marinhas (TAMAR), então vinculado ao IBAMA, e, agora, ao ICMBio (Fundação Pró-Tamar, 2000, p. 79).

pela parte governamental do programa. Conforme material de divulgação do TAMAR e também relato colhido em entrevista:

O TAMAR surgiu com o objetivo de proteger as tartarugas marinhas. Com o tempo, porém, percebeu-se que os trabalhos não poderiam ficar restritos às tartarugas, pois uma das chaves para o sucesso desta missão seria o apoio ao desenvolvimento das comunidades costeiras, de forma a oferecer alternativas econômicas que amenizassem a questão social, reduzindo assim a pressão humana sobre as tartarugas marinhas. As atividades são organizadas a partir de três linhas de ação: Conservação e Pesquisa Aplicada, Educação Ambiental e Desenvolvimento Local Sustentável, onde a principal ferramenta é a criatividade. Desde o início, tem sido necessário desenvolver técnicas pioneiras de conservação e desenvolvimento comunitário, adequadas às realidades de cada uma das regiões trabalhadas. As atividades estão concentradas em 21 bases, distribuídas em mais de 1100 km de costa. Assim, sob o abrigo da proteção das tartarugas, promove-se também a conservação dos ecossistemas marinho e costeiro e o desenvolvimento sustentável das comunidades próximas às bases – estratégia de conservação conhecida como “espécie-bandeira” ou “espécie-guarda-chuva” [...]. (disponível em: <http://www.icmbio.gov.br/portal/resolveUid/48e13baea0f0d1ca85765c8873f38304>. acesso 16/07/2014)

Bom, já era IBAMA, o Centro ficava dentro do IBAMA, eu acho que foi em 90, a criação do Centro TAMAR. E, bom, aí a gente teve essa... a gente teve esse objetivo de, entendeu, não ficar dependente tanto das oscilações de governo. Porque governo é assim, chega, exatamente, quando a gente tá no pico de trabalho, fecha todos os recursos, né, em dezembro. E quando vai ser aprovado o próximo orçamento vai ser em abril, maio, no mínimo março. E aí é realmente quando a gente, que a gente tá na praia mesmo protegendo as desovas, os filhotes, assim... Então a gente resolveu criar essa fundação, realmente, além de captar recursos, a gente também não depender tanto de patrocínio. Ter um setor de auto-sustentação, né, então aí nasceu essa ideia das camisetas, das coisas do TAMAR, que não tem nenhum programa que tem isso tão forte, né...” (Cecília Baptistotte, entrevista concedida a CREADO, FREITAS e ARAÚJO, em 23/01/2012; Vitória, ES; ver também CREADO et al., 2012)

O programa de conservação do Tamar é tido hoje como um modelo, tal foi sua eficácia em conciliar as ações que enfrentassem problemas econômicos, sociológicos e gerenciais que ameaçavam as espécies de tartarugas em âmbito local (J. RODRIGUES, 2004; E. RODRIGUES, 2002), aspecto também ressaltado na entrevista acima.

2.2 ALGUMAS REDES DA TECNO-CIÊNCIA

O Tamar em termos de produção científica voltada para a conservação da biodiversidade tem estabelecido diversas redes de colaboração com pesquisadores, tanto do Brasil como do exterior. No caso do Espírito Santo, mais especificamente da UFES, localizamos e entrevistamos dois pesquisadores cujos trabalhos de campo contavam com o apoio e a parceria do Tamar para a viabilização da consecução de seus projetos de pesquisa, Robson Santos, doutorando em Biologia Animal, e Sarah Vargas, professora do campus Maruípe. A parceria é fundamental para o desenvolvimento das duas pesquisas, permite, por exemplo, no primeiro caso, a identificação e análise de tartarugas mortas, cujas causas das mortes são analisadas pelo biólogo, que estuda a ingestão de resíduos sólidos por estes animais; e, no segundo caso, permite que a pesquisadora acesse amostras de tecido de tartarugas, recolhidas de suas nadadeiras, e que servem de material genético que fundamentam as análises de Vargas (vide TABELA 1).

Tabela 1

TRAJETÓRIAS DE TÉCNICOS DO TAMAR E PESQUISADORES ACADÊMICOS ENTREVISTADOS

	João Carlos Thomé	Cecília Bap	Sarah Vargas	Robson	Henrique
Origem (Estado)	SP	MS	MG	PB	ES
Trajetória	SP-RS-ES	MS-ES	MG-ES	Residiu em vários lugares na infância – pai militar	ES
Formação	Oceanografia (RS)	- Graduação em Veterinária (MS) - Doutorado em Ecologia Aplicada (USP)	- Graduação em Biologia (MG) - Mestrado em Genética e melhoramento de plantas	- Graduação (UFPB) e Mestrado (UFES) em Ciências Biológicas - Doutorando	Oceanografia (UFES)

			- Doutorado e pós em genética	em Biologia Animal (UFES)	
Atuação	Conservação (gestão ambiental)	Conservação (gestão ambiental)	Pesquisa (genética da conservação)	Pesquisa	Conservação (gestão ambiental)
Estagiou no Tamar?	Sim	Sim	Não	Não	Sim
Espécie que trabalha	Todas que ocorrem na costa brasileira	Todas que ocorrem na costa brasileira	Tartaruga Gigante	Tartaruga-verde	Tartaruga Gigante Cabeçuda Verde/oliva
Relação com o Tamar	Coordenador; um dos primeiros “estagiários de praia” e um dos fundadores	Coordenadora nacional de veterinária; uma das primeiras “estagiárias de praia”	Cooperação em pesquisas (recebe amostras de tecido)	Cooperação em pesquisas (recebe animais mortos)	Executor técnico da base de Comboios - ES
Relações de pesquisa	Contribui com pesquisadores acadêmicos com amostras e dados através do Tamar	Contribui com pesquisadores acadêmicos com amostras e dados através do Tamar . Controla SISBio.	Depende de autorização e apoio do TAMAR para acessar material genético de tartarugas marinhas.	Precisa de autorização e apoio do TAMAR para trabalhar com tartaruga marinha. No seu projeto de doutorado, esperava poder se alojar em bases do TAMAR espalhadas pela costa brasileira.	Contribui na produção de dados (numero de indivíduos que desovam por ano, número de ninhos, de filhotes natimortos...)
Cooperação internacional	IUCN (MTSG – Grupo de Especialistas em Tartarugas Marinhas da	IUCN (MTSG – Grupo de Especialistas em Tartarugas Marinhas da	Fez doutorado com “período sanduíche” (University of Canberra -		

	IUCN)	IUCN)	Austrália)		
Região de atuação (de influência direta)	- Internacional (MTSG) - Regional (pelo Tamar é coordenador regional responsável pelo sudeste)	- Internacional (MTSG) - Nacional (pelo Tamar)	Academia	Academia	Local: (Base do Tamar em Comboios; vila de Regência; Reserva Biológica de Comboios)

Ainda, as tartarugas marinhas são consideradas um recurso ambiental global, pois suas rotas de migração não respeitam fronteiras nacionais, o que exigiria, segundo os técnicos do TAMAR, uma estrutura de manejo e conservação global. Abaixo segue uma lista com os vínculos tecnocientíficos e institucionais que o Tamar disponibiliza em sua página virtual, e que ilustra as longas redes sociotécnicas traçadas em suas ações, em prol da espécie:

Intercâmbio e cooperação técnica:

O Projeto Tamar trabalha de acordo com as normas estabelecidas pela União Internacional para Conservação da Natureza (IUCN). Integra os Comitês Científico e Consultivo da Convenção Interamericana para Proteção e Conservação das Tartarugas Marinhas e do Grupo de Especialistas em Tartarugas Marinhas (MTSG) da União Internacional para Conservação da Natureza (IUCN). É membro da Wider Caribbean Sea Turtle Conservation Network (WIDECAST).

Entre as entidades nacionais e internacionais com as quais o Tamar mantém intercâmbio e cooperação técnico-científica estão as seguintes:

Nacionais

- . MMA – Ministério do Meio Ambiente.
- . Ministério da Aquicultura e Pesca.
- . Centros especializados do ICMBio - Instituto Chico Mendes da Conservação da Biodiversidade.
- . [Nema - Núcleo de Educação e Monitoramento Ambiental](#), entidade privada sem fins lucrativos.

- . Empresas pesqueiras.
- . Universidades brasileiras e estrangeiras.
- . Projetos brasileiros de conservação marinha: [Baleia Jubarte](#), [Baleia Franca](#), [Peixe-Boi marinho](#), [Golfinho Rotador](#), [Albatroz](#), [Meros do Brasil](#) e [Coral Vivo](#).

Internacionais

- . Unesco - United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization.
- . FWS – Fisheries and Wild Life Service, EUA.
- . Archie Carr Center For Sea Turtle Research, Universidade da Flórida, EUA.
- . MTSG - Grupo de Especialistas em Tartarugas Marinhas da IUCN – União Internacional para Conservação da Natureza.
- . NOAA - National Oceanic and Atmospheric Administration, Universidade do Havai, EUA.
- . NMFS – National Marine Fisheries Service, EUA.
- . ASO - Grupo de Especialistas en Investigación y Conservación de Tortugas Marinas en el Atlántico Sudoccidental - Brasil, Uruguai e Argentina.
- . [Dinara - Dirección Nacional de Recursos Acuáticos](#), Uruguai.
- . Projeto Karumbé, Uruguai.
- . South Atlantic Sea Turtle Network.
- . [WIDECAST](#) - Wider Caribbean Sea Turtle Conservation Network
- . [Swot – State of the World's Turtles](#).

(texto disponível em: <http://www.tamar.org.br/interna.php?cod=123> acesso em 09/08/2012)

Do ponto de vista da análise das trajetórias dos profissionais entrevistados, outro exemplo dessas redes locais-globais encontra-se no próprio desenvolvimento da carreira de Sarah Vargas, cujo doutorado sanduíche teve uma parte desenvolvida na Austrália. Tais conexões aparecem também na inserção de João Carlos Thomé (Joca) e Cecília Baptistotte no grupo de especialistas da IUCN (maiores detalhes na TABELA 1).

Mais do que um mero compartilhamento dos dados de pesquisa é de certa forma uma necessidade de integrar a atuação conservacionista dos diversos locais por onde as populações de tartarugas passam durante as migrações. A atuação em

si do projeto é bem mais no âmbito político/institucional e prático, delegando a parceiros o suporte científico mais aprofundado (ver também TABELA 1). Neste sentido “Joca” em entrevista trata da importância da parceria em pesquisas mais aprofundadas sobre a biologia da conservação que deem suporte científico às práticas de conservação desenvolvidas pelo projeto:

... mas é muito interessante, tem que tentar entender mais, porque hoje tá tudo voltando muito pra genética. As interpretações, situações, traços das espécies, a genética tá dando uma base muito legal. Até pra gente é difícil também. Por isso que a gente tem muitos parceiros do Tamar, pra que eles façam isso com profundidade e a gente possa continuar com a conservação. (entrevista de João Carlos Thomé a Creado e Freitas, em 31/01/12; Vitória, ES)

O TAMAR também controla a realização de pesquisas com a espécie via o SISBio, que “é um sistema de atendimento à distância que permite a pesquisadores solicitarem autorizações para coleta de material biológico e para a realização de pesquisa em unidades de conservação federais e cavernas”, conforme sua definição em <http://www.icmbio.gov.br/sisbio/saiba-mais.html> (acesso em 04/13), o que permite deter o controle sobre quem estuda o quê sobre a espécie.

No âmbito governamental o Tamar é ligado ao ICMBio, órgão executor do MMA responsável por identificar as espécies ameaçadas, e elaborar e implementar o seus planos de ação e/ou recuperação (ICMBio, 2011). Para avaliar o estado de conservação das espécies, como é caso das tartarugas, é utilizada uma metodologia desenvolvida pela IUCN, que goza de rigor científico e reconhecimento a nível mundial. Apesar de ser uma ferramenta para avaliação das espécies em âmbito global, pode ser adaptada para utilização em escala nacional. Fez-se ainda um acordo formal de colaboração entre IUCN e ICMBio:

Para fortalecer e qualificar a execução deste processo, foi celebrada a parceria do ICMBio com a UICN por meio de um termo de reciprocidade assinado em 2010. De forma prática a parceria se dá desde 2008 através da participação ativa de especialistas UICN nas avaliações nacionais ou através de avaliações efetivamente conjuntas, nesse último caso, a avaliação global sob responsabilidade da UICN e a avaliação nacional ocorrem concomitantemente, com especialistas brasileiros e estrangeiros trabalhando nas informações de cada espécie. As reuniões presenciais de especialistas são também conjuntas e realizadas no Brasil. Esse formato tem qualificado ambas as avaliações pela eficiência do aporte de dados e pela troca de experiência entre especialistas, mas especialmente pela padronização metodológica que esse trabalho conjunto vem permitindo. Outro aspecto importante das avaliações conjuntas é garantir que as

espécies endêmicas brasileiras possam estar nas mesmas categorias de risco na avaliação global e na nacional. (PERES, M.B.; VERCILLO, U.E. & DIAS, B.F.S, 2011, p. 47)

Este tipo de integração entre cientistas e instituições nacionais e internacionais nos revela as redes de colaboração tecnocientíficas, bem como as diretrizes, métodos, e valores de escala global que perpassam a prática conservacionista de maneira geral, bem como do Brasil e do Tamar. Lembrando novamente que os dois funcionários do Tamar por nós entrevistados em 31/01/12 (João Carlos Thomé) e em 23/01/2012 (Cecília Baptistotte) são, juntamente com outros funcionários do Tamar, membros do Grupo de Especialistas em Tartarugas Marinhas da IUCN (<http://iucn-mtsg.org/members/member-list-by-country/>, acesso em 16/08/12)⁵.

Como a avaliação de risco das espécies segue padrões de avaliação globais torna-se clara a contradição entre os saberes locais e estes macro-padrões. No caso de Regência, a experiência local não mostrava qualquer tipo de risco de extinção, ou perigo às espécies, de maneira que sua carne e ovos eram consumidos cotidianamente (Fundação Pró-Tamar, 2000; J. RODRIGUES, 2004). A noção ambientalista/conservacionista trazida pelo Tamar à região de Regência vai diretamente de encontro com a percepção local, agindo no sentido de modificá-la; transformando as relações, as categorias envolvidas, a dinâmica da comunidade, seus conhecimentos e práticas.

Pode-se olhar, ainda, a tradução que ocorre dos fatos da biologia da conservação para a *práxis* conservacionista. Quando os primeiros técnicos do Tamar saíram para fazer o levantamento das áreas de desova da costa brasileira eles carregavam consigo os tais fatos-valores da biologia da conservação (eram todos oceanólogos, ligados a um curso da região sul do Brasil) e, ao entrarem em contato com as comunidades locais onde havia áreas de desova, eles se defrontaram, de certa maneira, com uma realidade que estava para além de suas expectativas, pois não contavam com a interação de seu objeto (tartaruga) com a dinâmica das comunidades locais de maneira tão imbricada – creio que principalmente no caso de Regência, uma comunidade pesqueira onde havia

⁵ Paulo Dias, ex-professor da UVV e, agora, docente da UFES faz parte dessa rede.

intervenção das redes de pesca; e, além disso, que já detinha toda uma prática cultural de uso da carne, dos ovos e da banha destes animais. Estes “cientistas”, ao tentarem, por assim dizer, instalar suas diretrizes conservacionistas na comunidade local, segundo os preceitos da biologia da conservação, encontraram inevitavelmente resistências: substituir as redes de pesca, bem como os costumes de consumo, pelas redes construídas entre os biólogos.

Ter percebido que as tartarugas em Regência se encontravam emaranhadas em redes outras que não a dos biólogos foi marcadamente fundamental na direção que o projeto tomou; e nos remete à importante definição de socioambientalismo que correntemente é usado para tratar das questões ambientais no Brasil, onde se nota a importância da integração que há entre as questões sociais e ambientais (SANTILLI, 2005; CREADO et al., 2012). Não basta, portanto, a cooperação somente entre os técnicos e cientistas, mas, sobretudo, a colaboração das populações locais que se relacionam diretamente com as populações de tartarugas, como é o caso de uma população costeira e pesqueira como em Regência.

Do ponto de vista da prática conservacionista a conservação não se resume a ‘valores’, mas a um conjunto de asserções éticas e ideológicas pressupostas que sugerem abordagens científicas e aplicações práticas que justificam a conservação (E. RODRIGUES, 2002)⁶. Como notamos, ao observar as redes de colaboração que envolvem as tartarugas e o projeto Tamar, os processos de construção das abordagens científicas que visam a conservação são efetuados segundo amplas redes de trocas entre técnicos e cientistas. Essas trocas têm como nó górdio de relações as tartarugas marinhas. Como coloca Latour: “a construção de um fato é um processo tão coletivo que uma pessoa sozinha só constrói sonhos, alegações e sentimentos, mas não fatos” (LATOURE, 2000, p. 70).

A abordagem científica, portanto, exige que um nó de relações seja traçado em função não só de valores, mas de fatos. Tanto o poder unificador concernente aos ‘fatos’ naturais quanto aquele relativo aos ‘valores’ sociais são relevantes no que tange às relações nas quais é evidente a associação entre questões da ‘natureza’ e da ‘cultura’. Diremos, portanto, que se tratam de “fatos-valores” esses centros

⁶ Um conjunto de cinco assertivas é colocado pelo autor (E. RODRIGUES, 2002, p. 263-264). Em geral elas tratam de positivar ou negativar aspectos como a diversidade dos organismos, a complexidade ecológica, a adaptação evolucionária, dentre outros.

gravitacionais para onde afluem diversas relações como as que o Tamar e os cientistas participaram e participam. No nosso caso, o nó gravitacional em questão é a tartaruga e sua preservação enquanto espécie.

Ainda que haja um inevitável entrelaçamento entre a questão ambiental e social, discursivamente a prática conservacionista estabelece sua legitimidade fundamentada na ciência (nos pretensos fatos científicos), em detrimento, se poderia dizer, do discurso político que estaria mais voltado para a face social da questão, segundo a perspectiva de seus agentes humanos. Há, portanto, um esforço para que se mantenha a ‘integridade’ dos objetos, ou seja, que os fatos científicos se universalizem. Na prática, esta plena universalização não ocorre, mas há um processo de afirmação das verdades científicas que se estabelecem ao longo das redes, de maneira que os elos que afirmam os fatos são também aqueles que os modificam segundo os interesses/necessidades dos atores situados nas redes de cooperação sociotécnicas (FREIRE, 2006), que incluem ainda os locais para onde se pretende estender estas redes. Neste sentido é que J. RODRIGUES (2004) coloca que:

A partir da interação com os autóctones – na maioria pescadores que se alimentavam da tartaruga – nos lugares onde as primeiras bases foram instaladas, os técnicos e biólogos do TAMAR passaram a adotar técnicas de manejo que não estavam definidas pela IUCN, mas que foram provenientes da interação entre eles e os autóctones.

[...] O carebar foi uma alternativa do TAMAR às diretrizes da IUCN que indicava como método de proteção e conservação uma fiscalização autoritária e exógena ao lugar. [...] Essa alternativa surgiu da necessidade de levar em conta os saberes, as técnicas locais, bem como, as formas de resistência dos locais quanto às imposições contidas na conservação da tartaruga. (J. RODRIGUES, 2004, p. 39-40).

Como então a instituição conservacionista, ou seja, o dispositivo político estabelecido, mas fundamentado no discurso científico dos fatos, procede no traslado entre estas instâncias: cultural (redes de associações nativas relacionadas à careba), social (“local”), e natural (redes de associações entre cientistas e instituições relativas à conservação), e, ainda, factual (“universal”)? Da mesma forma com que descreveu Freire (2006):

Traduzir (ou transladar) significa deslocar objetivos, interesses, dispositivos, seres humanos. Implica desvio de rota, invenção de um elo que antes não existia e que de alguma maneira modifica os elementos imbricados. As cadeias de tradução referem-se ao trabalho pelo qual os atores modificam, deslocam e transladam os seus vários e contraditórios interesses. Mas a

operação de tradução implica uma solução aparentemente contraditória do cientista, pois ao mesmo tempo em que procura engajar outras pessoas para que elas acreditem na caixa-preta, comprem-na e disseminem-na no tempo e no espaço, tenta controlá-las para que aquilo que elas adotam e disseminam permaneça mais ou menos inalterado. (FREIRE, 2006, p. 51)

Na tentativa de afirmar-se como fato dado, objetivo, natural, a ciência (na prática – da conservação, no caso) age politicamente (LATOUR, 1994), mesmo que nas mãos de técnicos governamentais e não-governamentais. Assim, ao estender a rede a outros atores é que a ciência faz política. Desta negociação para afirmação de seus próprios fatos e para adquirir poder ela se sujeita a modificar seu objeto, hibridiza-lo. Como coloca Latour (2012, p. 251), todo transporte de um local ao outro é pago com transformação.

2.3 SOBRE TRANSFORMAÇÕES E NOVOS VINCULOS COM A TARTARUGA

As diferenciações possíveis de se observar na relação com as tartarugas passam inevitavelmente pelo viés de “como” o Tamar se relacionou/relaciona com a comunidade, bem como com os visitantes⁷, e como isso repercute no coletivo.

Com o reconhecimento de que a realidade local era mais complexa do que previam as diretrizes exógenas da IUCN, o projeto adotou a iniciativa de trazer os nativos para dentro do projeto por meio de alternativas de subsistência, de modo a suprir qualquer tipo de necessidade de consumo/predação. Deste modo, aqueles que antes consumiam as tartarugas passariam a protegê-la:

Para cumprir a missão de proteger as tartarugas marinhas, o Projeto TAMAR/ICM-Bio incorporou às ações de manejo e conservação, atividades de inclusão social e envolvimento comunitário. No início, pescadores que antes matavam as tartarugas e coletavam os ovos, foram contratados para auxiliar nas atividades de proteção, propiciando assim uma alternativa de recursos. Com o tempo, novas oportunidades de geração de renda e qualificação profissional foram sendo proporcionadas, não só para os pescadores, mas para suas famílias e outros segmentos das comunidades costeiras, adjacentes as áreas de atuação (figura 35).

Atualmente, a geração de empregos diretos é vinculada às atividades de proteção com as tartarugas marinhas, bem como nas bases, nos Centros de Visitantes, e nas duas unidades de confecções de camisetas (em Pirambu/SE e Regência/ES). Em paralelo são ainda estimuladas a

⁷ Mais adiante falaremos ainda dos técnicos e estagiários

formação e a manutenção de grupos produtivos e de artesanato, gerando empregos indiretos, o que também contribui para reduzir a pressão sobre os recursos naturais. A criação de alternativas econômicas sustentáveis procura atender as demandas e as especificidades de cada local, de acordo com a capacidade operacional de cada base. Hoje, mais de 1300 pessoas estão envolvidas diretamente com o programa de conservação das tartarugas, sendo que 85% são moradores das áreas no entorno das bases (25 vilarejos costeiros com população entre 500 e 27.000 pessoas), totalizando em torno de 400 pescadores envolvidos diretamente nas atividades de campo (TAMAR, 2010).

Assim, as ações de proteção e pesquisa possibilitam a inclusão das comunidades costeiras na economia formal. Esta interação fortalece os laços de confiança entre o Projeto TAMAR e as comunidades melhorando a qualidade de vida através de postos de trabalho, fomentando o senso de cidadania". (ICMBio. Plano de Ação Nacional Para Conservação das Tartarugas Marinhas. 2011, p. 67).

Esse trabalho social desempenhado pelo projeto com a comunidade me levou a questionar se de fato o sucesso do projeto se fundamentava na saída de uma lógica predatória para uma eco-lógica, ou se o 'domínio ontológico' onde se constituía a nova relação da comunidade com a tartaruga tinha mais a ver com outra coisa, como as condições de sustento, por exemplo. A questão me pareceu relevante quando em campo eu assisti a um vídeo passado para os turistas durante uma visita à base⁸. No vídeo um morador 'local' – e funcionário do Tamar - é perguntado pelo apresentador do vídeo⁹ sobre a importância das tartarugas, ao que ele responde que, em comparação com o tempo antes do Tamar, hoje vale mais uma tartaruga viva do que morta, pois ela traz emprego para ele e seus colegas, pra comunidade¹⁰.

Nesse caso, o sucesso suscitado pelo projeto evidentemente não diz respeito à unicamente uma conscientização ecológica. Tal como de fato propõe a biologia da conservação o envolvimento socioambiental é quesito importante desta ciência. A questão que fica é: em que medida uma lógica se sobrepõe a outra a ponto de fundamenta-la; tal como o fundamento da proteção a tartaruga é o provimento de "sustento" que ela disponibiliza via Tamar. Na análise que Suassuna (2005) faz da questão, a autora conclui o seguinte:

⁸ Disponível no site do Tamar e também no youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=S-zUpt9jrx4#t=11> (acesso: 19/06/2014)

⁹ Eron Paes Lima, coordenador Regional de Santa Catarina, que fez parte da primeira geração de estagiários do projeto, conforme apresentado no próprio vídeo.

¹⁰ O entrevistado em questão, como aparece no vídeo, se chama Damião. Trabalha no projeto desde 1987.

Em relação ao Projeto Tamar posso afirmar, finalmente, que o discurso veiculado sobre a “formação da consciência ambiental” tem um limite que é definido pela sua necessidade (econômica). O que sugere que, diante do processo de intervenção, as relações de poder e dominação não formaram uma “consciência ambiental” nos indivíduos das comunidades envolvidas, sendo esta “pseudoconsciência” circunstancial. Assim, se o Projeto Tamar (Estado/ONG) deixar de manter relações de poder e dominação, por meio do controle social, as tartarugas continuarão sendo mortas indiscriminadamente. (SUASSUNA, 2005, p. 537)

No trabalho de J. RODRIGUES (2004), a questão não aparece tão definida. Talvez pela natureza da pesquisa (nela, Rodrigues passou mais tempo dedicada ao campo), esta pôde identificar uma maior heterogeneidade no que se refere à eficácia de uma conscientização ambiental. De todo modo, em meu trabalho de campo com os estagiários ficou evidente que era sentida por parte deles uma certa carência relativa a educação ambiental. Neste sentido praticamente todos os estagiários¹¹ revelaram preocupação no sentido de implementar a educação ambiental, tanto para os turistas como para os nativos.

Um de meus interlocutores em campo, um estagiário (Hilton¹²), me disse certa vez sobre os nativos de Regência: “o mundo deles está lotado de tartaruga. O conhecimento “ecológico” traria a noção de que o bicho está ameaçado...”. A colocação de Hilton é importante, pois explicita como o conservacionismo, na maneira como os estagiários em geral entendem, é balizado por uma percepção ecológica do ambiente, da natureza; e como um sucesso que poderia ser atribuído ao projeto é pensado segundo uma passagem da “predação” à “proteção”¹³. Diante da carência de conscientização sentida pelos estagiários - apesar de todo o trabalho que o Tamar desenvolve -, bem como a verificação de que o trabalho social desenvolvido pelo projeto não necessariamente repassa ou cultiva unicamente uma eco-lógica, não me foi possível ir adiante num aprofundamento da questão, restando-me aqui apenas problematizar, sem oferecer uma resposta acabada.

¹¹ Vários deles trabalharam com educação ambiental em outros momentos.

¹² Estagiário na temporada de 2012/2013, estudante de biologia. Trabalhava com herpetologia, estudo de reptéis.

¹³ Mais adiante estes termos serão melhor tratados. Os termos são referentes ao texto *Beyond Nature and Culture, forms of attachments*, de Descola (2012).

2.4 DA PREDACÃO À PROTEÇÃO

Diante das mudanças que ocorreram na relação com a tartaruga em Regência buscamos tipificar alguns modos de relação entre tartarugas e humanos no sentido de refletir sobre as variações deste engajamento entre um humano e um não-humano. Para tanto, evidenciamos três termos que se referem às tartarugas e que revelam aspectos específicos nos modos de se relacionar com este outro. Consideramos isto importante uma vez que tais termos tanto evidenciam quanto obscurecem especificidades dos vínculos entre a natureza e a cultura (WAGNER, 2010).

Estas relações que procurei evidenciar com estes termos são relevantes naquilo que (des)encadeiam uma série de ações, ou seja, elas associam-ações - incluímos aqui os objetos, já que estes também agem (LATOUR, 2012). Estas, no entanto, não ocorrem arbitrariamente. São frutos de uma aprendizagem dos sujeitos envolvidos na ação. Na maneira como temos abordado a questão, não consideraremos a aprendizagem enquanto uma mera aquisição de representações, mas um processo onde as habilidades “*ressoam* com as propriedades de um ambiente” (INGOLD, 2010, p. 21). Como aponta Ingold:

Na passagem das gerações humanas, a contribuição de cada uma para a cognoscibilidade da seguinte não se dá pela entrega de um corpo de informação desincorporada e contexto-independente, mas pela criação, através de suas atividades, de contextos ambientais dentro dos quais as sucessoras desenvolvem suas próprias habilidades incorporadas de percepção e ação. Em vez de ter suas capacidades evolutivas recheadas de estruturas que representam aspectos do mundo, os seres humanos emergem como um centro de atenção e agência cujos processos *ressoam* com os de seu ambiente. O conhecer, então, não reside nas relações entre estruturas no mundo e estruturas na mente, mas é imanente à vida e consciência do conhecedor, pois desabrocha dentro do campo de prática – a *taskscape* – estabelecido através de sua presença enquanto ser-no-mundo. (INGOLD, 2010, p. 21).

O primeiro termo através do qual propomos expor as associações possíveis é *careba*. A tartaruga *é/era* pensada enquanto *careba* principalmente antes da chegada do projeto Tamar à Regência. Uma série de relações simbólicas estão fortemente atreladas no uso do termo feito pelos nativos, antes do trabalho desempenhado pelo Tamar na região. Pensada enquanto *careba*, a experiência nativa com a tartaruga estava muito atrelada à prática da *carebada*. Segundo J.

Rodrigues (2004) o uso específico do animal se dava em um período determinado (época de desova, pois é quando as tartarugas sobem na praia para desovar) e impunha relações específicas. Isto envolvia uma gama de saberes nativos. A prática era mais incidente no período de novembro a março (diferente do período estabelecido pelo Tamar, que se inicia em setembro¹⁴) sendo a lua nova o melhor momento, pois era quando as tartarugas preferiam subir para desovar, conforme o saber local. O procedimento usual ao se encontrar um bicho consistia em vira-lo de modo que o casco ficasse na areia para que não fugisse, para então voltar no outro dia para sangrá-lo e retirar a carne.



Figura 1. Fotografia de tartaruga morta por pescadores para retirada da carne e ovos. Foi tirada em Atol das Rocas e entregue às autoridades, conforme disponível no site: <http://blogs.estadao.com.br/herton-escobar/reportagem-especial-atol-das-rocas-1>

Enquanto alimento a carne do bicho era considerada uma “excepcionalidade no cardápio” devido ao sabor próximo da carne (bovina) - para uma comunidade pesqueira o boi era a iguaria, sendo o pescado alimento muito corrente (J. RODRIGUES, 2004).

Ainda que não se tratasse propriamente de *carebada* outra prática comum, desta vez entre mulheres e mesmo crianças, era a procura pelos ovos. Nesta

¹⁴ Ver J. RODRIGUES, 2004. p. 73

procura e coleta de ovos, exigiam-se ainda outras técnicas que permitiam identificar os rastros do animal e localizar os ninhos. Usando um galho era possível diferenciar a densidade da areia que cobria os ninhos e pegar os ovos.

Sintetizando, na prática da carebada a atenção se voltava na busca do bicho para alimentação. O foco da atenção neste caso estava em “captar aspectos essenciais do ambiente” (INGOLD, 2010) que pudessem revelar, por exemplo, a época ideal de carebar, ou ainda apontar a localização do bicho e dos ovos na praia.

A partir do trabalho de conservação implementado pelo projeto na região, a *carebada*, tal como era feita anteriormente foi se modificando. Foi com os *carebeiros* que inicialmente os técnicos aprenderam a procurar os ninhos e os rastros das *carebas*; e gradualmente os antigos “carebeiros” foram passando a compor a equipe do próprio Tamar. No processo de assimilação dos nativos para dentro do projeto, novas relações foram sendo estabelecidas, novas formas de lidar com a natureza na experiência cotidiana. Hoje estes nativos que trabalham no monitoramento de praia são considerados “tartarugueiros”. Não só os antigos *carebeiros* foram incorporados, mas muitos dos locais fizeram ou fazem parte do projeto, sejam como tartarugueiros, “atendentes” da base¹⁵ sejam como aqueles que trabalham nas confecções e estamparias, ou como vendedores.

A fim de explorarmos um pouco mais a ação política do Tamar sobre a natureza e sobre a cultura, propomos agora uma reflexão acerca de uma consequência de se articular o social e o natural, tal como propõe a biologia da conservação. A partir do trabalho de campo, de visitas às bases e conversas com técnicos/estagiários e de pesquisa em material disponibilizado pelo site do Tamar proponho uma segunda tipificação que decorre do trabalho (político-social) desempenhado pelo Tamar. O termo que sugiro corresponde em larga medida à preocupação em difundir uma representação do animal que afete o grande público. O termo *tartaruga* (no singular) me parece é o efeito associativo decorrente de uma

¹⁵ São aqueles que trabalham com atendimento ao público nas bases. Segundo observei em campo suas atividades são as de mostrar as dependências da base, passar filmes sobre o projeto, mostrar as espécies, atendendo o público visitante de maneira geral. Possuem, segundo me pareceu em campo, uma especificidade na relação com a natureza, mas que será um pouco mais relatada no segundo capítulo.

visita à base por um turista, ou de um contato com a tartaruga-marketing promovida pelo Tamar, onde ocorrem as atividades para sensibilização pública sobre a importância da conservação. O ritual de soltura de filhotes, por exemplo, é um evento que sensibiliza tanto o público quanto o próprio pessoal do Tamar, até mesmo os mais antigos. Durante meu trabalho de campo, em conversas com os estagiários de praia, todos eles revelaram se emocionar inúmeras vezes com a soltura. Na Vila de Regência, no único posto de gasolina na região (o “Carebão”¹⁶) é costumeiro que haja um cartaz divulgando a soltura dos filhotes na base.

Este efeito emotivo está ligado ao contato puramente visual com as tartarugas, muitas vezes abstraídas de seu “meio”. Nas bases do projeto Tamar as tartarugas vivem em tanques. Elas não têm a necessidade de caçar para se alimentarem e, além disso, tomam banho e têm seus tanques limpos. Seus cascos, bem limpos, destoam evidentemente das que vivem no mar, que carregam em suas costas outros seres acoplados. Esta higiene evidentemente melhora a “apresentação” pública do bicho.

¹⁶ Funciona como restaurante também. Serve de referencia inconfundível para qualquer visitante da Vila de Regência.



Figura 2. Projeto Tamar em Vitória (ES). Disponível no site: <http://www.tamar.org.br/noticia1.phpcod=504> (<http://www.tamar.org.br/noticia1.phpcod=504>)

Como comentou Hilton durante uma conversa, os visitantes das bases estão mais interessados no visual, no olhar o bicho, não levam necessariamente a distinção entre as espécies – ainda que isso seja colocado pelos atendentes durante as visitas. A questão é, portanto, a tartaruga enquanto bandeira. Tem o intento de sensibilizar e mobilizar a conservação, estando ligada à educação ambiental.

Neste sentido, o contato com os produtos do Tamar vende uma representação de “tartaruga-fofinha” (fotos: pelúcia e peso de porta, camisas...), o que evidencia o potencial carismático dos bichos.



Figura 3. Personagens do clipe "Tamarear"¹⁷, disponível em <http://tamar.org.br/tvtamar-youtube.php?v=05> (acesso em 16/07/2014)

Por outro lado, partindo do viés científico, onde a taxonomia na biologia observa distinções entre espécies, poderíamos pensar em uma terceira tipificação: *tartarugas* (no plural). Minha atenção se voltou a este terceiro termo no momento da entrevista com Sarah Vargas¹⁸, quando explicava que a importância dos trabalhos de genética da conservação se voltava para a diversidade genética dentro de cada espécie, já que uma maior diversidade genética das populações estaria relacionada ao potencial evolutivo e à capacidade da espécie de se manter diante de transformações no ambiente.

... se a gente perde diversidade genética essas populações no futuro perdem potencial de evoluir se ocorrer alguma mudança climática- mais do que já ta havendo -todas as populações precisam de um mínimo de diversidade genético pra poderem evoluir e assim manter essa capacidade de continuar evoluindo com o tempo. (Sarah Vargas em entrevista a Eliana Creado e Pedro Freitas, em novembro de 2011)

O trabalho de Sarah, como ela explica, se dá a partir da análise de DNA mitocondrial em amostras de tecido de tartarugas de diversos locais, a fim de

¹⁷ Sobre o movimento "Tamarear" vê-se no site do Tamar: "O programa *Tamarear* nasceu como parte dos eventos comemorativos dos 30 anos do Tamar. Chamava-se, então, *30 Anos de História para Cantar*. Deu certo, tornou-se permanente e ganhou esse novo nome. Todas as músicas são inéditas e têm como temas principais o ciclo de vida das tartarugas marinhas, a conservação da natureza e a história das pessoas e das comunidades que ajudam o Tamar." <http://tamar.org.br/noticia1.php?cod=372> (acesso em 04/06/2014).

¹⁸ Docente da UFES do departamento de biologia. Trabalha na área de genética da conservação. Entrevista realizada por Eliana Creado (orientadora deste trabalho) e o autor desse texto em novembro de 2011.

identificar as variações genéticas entre populações e espécies (VARGAS, 2009). Em geral em uma mesma área de desova há uma mesma ‘variedade’ genética. Identificar essas variedades é importante no suporte científico para o manejo e conservação nas unidades de conservação.

Minha escolha no uso do termo *tartarugas* para tratar dos vínculos com os cientistas não é devido somente à taxonomia científica, onde as diferenças das espécies são importantes na classificação, mas, sobretudo, naquilo em que a diversidade genética se articula com a conservação enquanto suporte científico. Para, conservar, portanto, uma única espécie não basta que se proteja cada espécie, mas, principalmente, a diversidade genética dentro dela. Com isso, explica Sarah, se faz necessária a colaboração entre diferentes países para a conservação. Neste sentido, *as tartarugas* são consideradas um “recurso natural compartilhado”, um “patrimônio de diversidade genética”¹⁹, pois não respeitam as fronteiras nacionais²⁰.

Eu fiz uma análise global de varias populações do mundo, que tinha dados na literatura e as que eu analisei lá na Austrália, e a gente viu que tem populações de “países” – a gente fala “países”, mas igual eu falei, tartaruga ta ali no oceano né... Então o bicho, a casa dela é o mundo, são os oceanos...; e a gente conseguiu observar que o Irã e a Arábia Saudita eles agregam populações de tartarugas muito parecidas, muito próximas, então a gente considera que ali é uma unidade de manejo, “uma” unidade de manejo né; então se aqueles países entrarem em acordo e conseguirem conservar aquela diversidade ali, eles vão estar conseguindo conservar a mesma diversidade. Ao contrario das populações do Brasil por exemplo, que agrega uma diversidade diferente. E ter diversidade genética é importante justamente pra ter potencial evolutivo. (Sarah Vargas em entrevista a Eliana Creado e Pedro Freitas, em novembro de 2011)

A partir disso, temos que a atividade da genética da conservação estaria mais focada na conservação das espécies, partindo da proteção do atributo evolutivo (a diversidade genética dentro de cada espécie) que permitiria sua manutenção diante das mudanças ambientais, e das intervenções antrópicas, principalmente. De certa forma, são os movimentos (as migrações) das diversas populações de *tartarugas*, bem como os trânsitos das populações científicas – seguindo os animais - que tecem as redes de colaboração técnica e científica. Nestas redes circulam materiais (amostras de tecido, recursos financeiros para pesquisas); informações (publicações); e pesquisadores. Neste movimento, seguem-se habitats, áreas de

¹⁹ Estes são termos que aparecem na entrevista com Sarah.

²⁰ Algumas implicações destas transgressões entre fronteiras humanas serão posteriormente exploradas.

desova, áreas de alimentação, DNA mitocondriais e bichos anilhados. Tal como os carebeiros seguiam os rastros da *careba* nas praias, os cientistas seguem as *tartarugas*, e segundo vamos percebendo, também se enveredam em uma cultura ‘específica’²¹, desta vez derivada de noções como “diversidade genética” e “recurso natural compartilhado”.

Desta forma, para além das relações entre projeto de conservação e cientistas, a distinção entre *careba*, *tartaruga* e *tartarugas* se evidencia uma vez que os ambientes- lógicos onde operam tem seus focos de atenção (INGOLD, 2010) em diferentes relações.

Acima procurei falar de algumas consequências das redes de colaborações – no sentido de como mobilizaram atores (técnicos e cientistas, nativos, e pescadores) - e a conseqüente formação de um novo coletivo, a partir da comparação entre as associações humano-animal que ocorrem antes e após a chegada do Tamar na região. A seguir a ideia é aprofundar um pouco a questão tratando das mudanças tal como ocorrem, em função dos dispositivos medidores/objetificadores/técnicos da produção científica, e como isso implica em diferentes “*forms of attachments*” (DESCOLA, 2012).

2.5 DA PROTEÇÃO À PREDACÃO

Como se viu, o foco (genético) nas espécies decorre de um aprendizado mais acadêmico. Desta forma, como este trabalho tem um enfoque inspirado pela antropologia da ciência (LATOURET, 1994, 2000), percorreremos um pouco mais os caminhos da ciência das *tartarugas*, de modo a demonstrar como “*a ciência e a tecnologia ‘produzem’ nossas distinções Culturais entre o inato e o artificial [...]*” (WAGNER, 2012, p. 182). Evidentemente, por estar observando as propriedades da biologia da conservação, a maioria das referências científicas levantadas a seguir são aquelas que de algum modo se relacionam com a proteção e o manejo que visam a conservação.

²¹ Como cultura ‘específica’ podemos expressar tanto a distinção em relação a cultura dos carebeiros, como também ressaltar a atenção dada a espécie.

Tal como apontado anteriormente, a chegada do projeto à Regência se propunha a modificar o tipo de vínculo entre humano e tartaruga que lá havia. Em *Beyond Nature And Culture, Forms Of Attachments*, Descola (2012) aborda algumas “modos relacionais”²² os quais usaremos como ferramentas para pensar a mudança operada nas relações locais entre natureza e cultura com a chegada do Tamar. O autor explica que:

... relational modes are integrating schemas; that is to say they stem from the kind of cognitive, emotional, and sensory-motor structures that channel the production of automatic inferences, orientate practical action, and organize the expression of thought and feelings according to relatively stereotyped patterns [grifo meu]. A relational schema becomes dominant in a collective when activated in a whole range of very different circumstances in relations with humans or nonhumans. The effect of this is to subject all relations to its particular logic, either by limiting their field of application or by subordinating this to the achievement of the ends that the dominant schema embodies. (DESCOLA, 2012, p. 448)

Utilizando, portanto, a terminologia de Descola, a proposta do projeto seria a de transformar “cognição”, “emoções” e “estruturas sensoriais-motoras”, dos nativos, de um vínculo que antes seria de “predação”, no sentido da “proteção” do animal. Se não foi possível afirmar ao certo que houve essa mudança no vínculo dos nativos de Regência com a tartaruga, no que se refere à comunidade de biólogos que lá chegam para trabalhar, o vínculo de “proteção” constitui o modo relacional padrão. Descola (2012) define-o assim:

Protection, too, implies the non-reversible domination of the protector over the one who benefits from that protection.

[...]

In relations with non-humans, protection becomes a dominant schema when a group of plants and animals is perceived both as dependent on the humans for its reproduction, nurturing and survival and also as being so closely linked to them that it becomes an accepted and authentic component of the collective. (DESCOLA, 2012, p. 461)

Neste sentido é que o bicho passa a extrapolar sua condição de *careba*, assumindo também as posições de *tartaruga* e *tartarugas*, ou seja, na posição de serem “protegidos”, e é exatamente pela “proteção” que estes termos se articulam. Neste âmbito é que a seguir a proposta é a de adentrar nas operações que tecem essa vinculação. Para tanto, procuro aproximar a noção de “conservar” da biologia da conservação, da noção antropológica de “proteger”.

²² Tradução minha de *relational modes* (DESCOLA, 2013, p. 448).

Quais então são os mecanismos empreendidos para conservação do animal? Em um artigo intitulado *Global Research Priorities For Sea Turtles: Informing Management And Conservation In The 21st Century* (HAMANN et al. 2010), uma serie de especialistas elencaram uma lista com cinco categorias de pesquisa prioritárias para pesquisa e conservação das tartarugas marinhas.

1. Reproductive biology

- 1.1. What are the factors that underpin nest site selection and behavior of nesting turtles?
- 1.2. What are the primary sex ratios being produced and how do these vary within or among populations and species?
- 1.3. What factors are important for sustained hatchling production?

2. Biogeography

- 2.1. What are the population boundaries and connections that exist among rookeries and foraging grounds?
- 2.2. What parameters influence the biogeography of sea turtles in the oceanic realm?
- 2.3. Where are key foraging habitats?

3. Population ecology

- 3.1. Can we develop methods to accurately age individual turtles, determine a population's (or species') mean age-at-maturity, and define age-based demography?
- 3.2. What are the most reliable methods for estimating demographic parameters?
- 3.3. How can we develop an understanding of sea turtle metapopulation dynamics and conservation biogeography?
- 3.4. What are the past and present roles of sea turtles in the ecosystem?
- 3.5. What constitutes a healthy turtle?

4. Threats

- 4.1. What will be the impacts from climate change on sea turtles and how can these be mitigated?
- 4.2. What are the major sources of fisheries by catch and how can these be mitigated in ways that are ecologically, economically and socially practicable?
- 4.3. How can we evaluate the effects of anthropogenic factors on sea turtle habitats?
- 4.4. What are the impacts of pollution on sea turtles and their habitats?

4.5. What are the etiology and epidemiology of fibropapillomatosis (FP), and how can this disease be managed?

5. Conservation strategies

5.1. How can we effectively determine the conservation status of sea turtle populations?

5.2. What are the most viable cultural, legal and socio-economic frameworks for sea turtle conservation?

5.3. Which conservation strategies are working (have worked) and which have failed?

5.4. Under what conditions (ecological, environmental, social and political) can consumptive use of sea turtles be sustained? (HAMANN et al. 2010, p. 246)

Demonstrando a complexidade das relações nas quais as *tartarugas* estão implicadas e a consequente dificuldade em se implementar as pesquisas e o manejo, destaca-se o quanto os estudos sobre tartarugas marinhas levam em conta interações com o ambiente. Devido a vasta gama de ambientes os quais estes animais perpassam, estudá-los implica em se considerar tanto os componentes biofísicos como humanos.

... the global distribution of sea turtles, the variety of habitats where they occur and the threats they face, all lead to a large diversity in the biophysical and human elements that influence their life history, ecological role and management. (HAMANN et al. 2010, p. 258)

Muitos estudos visam aumentar a compreensão acerca das interações com os meios biofísico onde se encontram as tartarugas (ROBSON, 2009; FERREIRA JÚNIOR, 2009a; 2009b; HAMANN et al. 2010), bem como as interações humanas nas quais elas estão implicadas (ALMEIDA; MENDES, 2007; HAMANN et al 2010); e com isso produzir mais dados que possam auxiliar nas práticas de manejo e conservação.

Em artigos sobre as tartarugas marinhas, o pesquisador Paulo Dias Ferreira Júnior trata das influências ambientais (local da desova) na incubação (SANTOS; FERREIRA JUNIOR, 2009); na determinação sexual (FERREIRA JUNIOR, 2009a); no desenvolvimento embrionário, comportamento dos filhotes, e na taxa de predação dos ninhos (FERREIRA JUNIOR, 2009b). A determinação sexual é importante, sobretudo pela influencia que tem na continuidade da espécie, porém:

If there is excessive feminization of hatchling sex ratios brought about by climate change, this may result in reduced fertility rates (but see Bell et al.

2009) or, through random drift and loss of genetic variation, compromise a population's ability to respond to selection pressures. (HAMANN et al. 2010, p. 248)

Segundo o pesquisador Paulo Dias Ferreira Júnior as “*espécies que possuem determinação sexual dependente das características ambientais, os fatores extrínsecos a biologia, em geral, afetam a sua reprodução*”; de modo que ele se propõe a estudar os fatores que regem a determinação sexual (FERREIRA JUNIOR, 2009b). Aí aparece a importância do estudo do ambiente hídrico e térmico, naquilo em que atuam nas trocas gasosas entre os ovos e o meio, afetando assim a velocidade das reações metabólicas e o desenvolvimento do embrião (FERREIRA JUNIOR, 2009b, p. 322).

Essas medições todas servem, por exemplo, para orientar o manejo de ninhos em áreas de risco. Este tipo de preocupação com o modo de transferir os ninhos é foco de outro artigo, de Antônio Pádua Almeida e Sérgio Lucena Mendes (2006), em que se trata de avaliar e comparar a transferências feitas por carebeiros²³ e técnicos-pesquisadores feitas em Pontal do Ipiranga²⁴ - ES. Em sua conclusão é apontado que a provável interferência dos carebeiros no manejo poderia trazer dificuldades adicionais para recuperação dos “índices de ocorrência local da tartaruga-cabeçuda”²⁵ tendo em vista o reduzido tamanho da população (ALMEIDA; LUCENA, 2006, p. 111). Apesar disso, sugere-se que:

... the importance of directly involving the carebeiros in the activities related to sea turtle conservation requires adopting strategies which conciliate their work while attaining the best possible indices of hatchling production. We suggest a close attendance of carebeiros, with continuous evaluation of each one's results, aiming similar values to those obtained by researchers. (ALMEIDA; LUCENA, 2006, p. 111)

Mesmo considerando importante a participação direta dos carebeiros no processos de conservação, é fundamental certa perícia técnica (*habilidade* em INGOLD, 2010) exigida nesse procedimento, habilidade essa que os pesquisadores parecem dominar. Aqui, é notório como a conservação enquanto prática não pode prescindir de uma *habilidade* (INGOLD, 2010) atrelada à noção de *tartarugas*, tal como propus anteriormente; pois de outro modo a interferência na natureza poderia comprometer seus próprios ciclos.

²³ Aqui o termo “carebeiros” refere-se exclusivamente àqueles trabalhadores locais que atuam no manejo de ninhos pelo do Tamar da região.

²⁴ Pontal do Ipiranga é uma região próxima à Regência, situada ao norte da foz do Rio Doce.

²⁵ No original *local longgerhead stocks*.

O que então é preciso para se conservar a natureza? Tem-se que entender o ambiente, medir as características; entender o animal e seu comportamento, suas interações; tudo isso é indispensável para orientar o manejo. Isso permite, por exemplo, a construção de modelos de previsão. Como em Hamann e colaboradores (2010) aparece que estudar *What parameters influence the biogeography of sea turtles in the oceanic realm?* visa a construção de modelos preditivos que indiquem os padrões de distribuição das tartarugas marinhas nos oceanos (HAMANN et al. 2010, p. 250). Desta forma, sobre a relação que há entre a tecnologia e a capacidade de previsibilidade, Wagner (2012, p. 183) coloca que *a tecnologia é a sutil arte de combinar mecanismos complexos sobre os quais o ‘evento natural’ se impõe de maneira a sustentar o funcionamento deles. Seu planejamento e sua eficiência dependem de nossa capacidade de prever* [grifo no original].

Outro caso é o da compreensão dos diversos elementos atribuídos como potenciais indicadores para a seleção das áreas da desova, ou seja, os elementos envolvidos na escolha que a tartaruga faz para o local da desova. Digo ‘escolha’, ressaltando certa ‘agência animal’, já que em *praias com diferentes taxas de eclosão apresentam maior concentração de ninhos nos pontos onde o sucesso de eclosão é maior* (HORROCHS; SCOTT, 1991; HAYS; SPEAKMAN, 1993. apud FERREIRA JÚNIOR, 2009a, p. 146); ou seja, de algum modo o animal também possui uma *habilidade* que o permitiria se atentar a determinados aspectos de sua *taskscape* (INGOLD, 2010) e a partir disso orientar seus movimentos, suas ações, no sentido de evitar, por exemplo, as áreas de grandes dinamismos nas praias de Regência e Comboios (BAPTISTOTTE et al. 1999; ALBINO, 1999; ALBINO et al. 2006 apud SANTOS; FERREIRA JÚNIOR, 2009). Na maneira como a ciência ‘lê’ a partir dos aparatos tecnológicos essa *taskscape*, ela aparece sob a forma de indicadores de:

... salinidade (Johannes & Rimmer, 1984 apud Garmestani et al. 2000), a temperatura (Stoneburner & Richardson, 1981), o conteúdo de bioclastos, o pH, a umidade, o conteúdo de matéria orgânica (Stancyk & Ross, 1978; Mortimer, 1990), a cobertura vegetal (Hays & Speakman, 1993; Wang & Cheng, 1999), a largura da praia (Kikukawa et al., 1999; Garmestani et al., 2000), o albedo (Hays et al., 2001), as variações na temperatura do solo (Stoneburner & Richardson, 1981) e a proximidade com a foz dos rios (Baptistotte et al. 2003). Estes elementos, além de influenciarem a escolha dos locais de desova, podem afetar o sucesso da eclosão (Hays & Speakman, 1993; Horrocks & Scott, 1991; Ferreira Júnior et al., 2003b) e a razão sexual dos filhotes (Vogt & Bull, 1984; Mrosovsky & Provancha, 1989). (FERREIRA JÚNIOR, 2009a, p. 146)

As técnicas e procedimentos, portanto, conferem características objetivas que são transferidas para a natureza, objetificando-a (WAGNER, 2012, p. 184). Os dispositivos maquínicos e tecnológicos objetificam os eventos (naturais) como ‘poder’, ‘energia’, ‘recursos’, e estes precisam ser criados mediante seleção de dispositivos de medição (WAGNER, 2012); tal como o são os indicadores citados acima.

Neste processo de objetivação o cientista se apropria de tudo aquilo que é ocorrência da natureza utilizando-a em função das prerrogativas da conservação; ou seja, coloca os “fatos naturais” em função da natureza assim inventada tecnologicamente.

Uma das consequências deste processo que gostaria de explorar aqui é a perda da subjetividade animal²⁶ - aquela que procurei apontar inicialmente como a capacidade de agência animal. Em Sá (2013), esta relação entre cientista e objeto de estudo (em seu caso, entre primatas e primatólogos) é denominada por “predação científica” (SÁ, 2013, p. 166) e trata do momento em que o ‘animal-sujeito’ se transforma em ‘animal-objeto’²⁷. Com isto, retomamos as *forms of attachments* de Descola (2012), quando fala do vínculo de “predação”, o qual se dá pela incorporação do outro (objeto, portanto), que então passa a ser constituinte do ser que o ingere (sujeito):

Predation is thus a phenomenon of productive destruction that is indispensable for the perpetuation of individuals: far from being an expression of gratuitous cruelty or a perverse desire to annihilate others, it on the contrary transforms the prey into an object of greatest importance for whatever creature ingests it. Indeed, it's the very condition of that creature's survival. (DESCOLA, 2012, p. 455, grifo meu)

Nestes termos, a relação com a *careba* pode facilmente ser identificada com a conceituação feita por Descola (2012). A proposta aqui, no entanto, é verificar como

²⁶ Posteriormente, a subjetividade da tartaruga será mais bem exposta nas relações que acontecem durante a carebada feita pelos estagiários em trabalho de campo. Por ora, trabalharemos apenas com a indicação desta subjetividade tal como ela modestamente aparece no contexto mais científico.

²⁷ Sá (2013) fala de “primata-sujeito” e “primata-objeto”, respectivamente. O uso pouco rigoroso que aqui faço intenciona poder me apropriar do primoroso pensamento do autor, que segundo penso tem ampla possibilidade de generalização. Para efeitos deste trabalho, contudo, a subjetividade colocada por Sá é diferente da que apresento até aqui. No caso dele a subjetividade é basicamente fundada numa relação individual mesmo – entre primatas -, ao passo que aqui este tipo de intersubjetividade não chega a se consolidar em uma relação entre indivíduos, já que os encontros humano-animais não têm recorrência individual - a não ser com os animais em cativeiro das bases. Não tratarei, contudo, destes casos, já que meu foco reside nos encontros onde o contexto é a natureza.

esta mesma relação acontece nos meandros da biologia da conservação, para quem a proposta é a de “proteger” a(s) *tartaruga(s)*. Assim, os conhecimentos científicos e as técnicas visam suprir as necessidades de uma dada sociedade (associação) entre a natureza e a cultura, de modo a constituir um dado estado – um *status quo*. Neste sentido, as técnicas de conservação são correspondentes à constituição de um ‘estado de natureza’. Assim, as técnicas são como técnicas de cultivo, que, partindo de uma cultura científica, acaba por compor os cultivadores de algum modo. O modo como Descola coloca a predação tal como ela ocorre entre os ameríndios, pode fornecer um esclarecimento sobre a predação enquanto um processo de composição simbólica do *self* a partir da incorporação de outro ser:

... predation is above all a disposition for incorporating otherness, both human and non-human, because this is reputed to be indispensable for a definition of the self: in order truly to be myself, I must take possession of another being and assimilate it. This can be done by means of warfare, hunting, real or metaphorical cannibalism, the seizure of woman and children or by ritual methods of constructing the person and mediating with ideal affines, in which violence is confined to the symbolic level. [...] is it [predation] an attempt to reject as inhuman some anonymous “other”. It constitutes a recognition that without the body of this other being, without its identity, without its perspective on me, I should remain incomplete. (DESCOLA, 2012, p. 456, grifo meu)

Esta incorporação, portanto, decorrente da ‘predação científica’, é fundante não só de ‘*tartaruga(s)*-objeto’, mas, sobretudo, da alteridade relativa a ela: o ‘humano-conservacionista’; como se, uma vez tendo incorporado este outro ser (*tartaruga(s)*) - sua perspectiva traduzida nos mecanismos que apontamos -, o pólo humano da relação seria completado; este humano que é e se percebe em oposição à natureza:

no pensamento moderno [...] a natureza só tem sentido por oposição às obras humanas, qualquer que seja o termo por nós escolhido para denomina-las: cultura, sociedade ou história ... (DESCOLA, 2000, p. 152)

Deste modo, a relação científica com as *tartarugas* instaura um vínculo, que tendo por objetivo a “proteção” do animal, instaura também um compromisso delas para com um “estado (puro) de natureza”.

Aliada a isto surge uma controvérsia relativa ao contexto onde essas associações se efetivam – as unidades de manejo, no caso legalmente conhecidas como unidades de conservação, sendo que a referência primordial neste trabalho monográfico é a Reserva Biológica de Comboios, situada em Regência. Se por um

lado há a intervenção humana na natureza (a contaminação dos oceanos, despejos dos restos e sobras da cultura para fora de nossas casas, nossas cidades; a deturpação dos ciclos naturais, o desrespeito com as áreas naturais; esgotos inconsequentes e esgotamento insustentável dos ‘recursos naturais’; etc.), isto é, este tipo de intervenção, digamos, não ecológica, que engendra a ‘crise ambiental’, a ‘crise da diversidade biológica’; há, outrossim, a intervenção também humana na natureza, a quem está delegada a responsabilidade de garantir que a natureza permaneça ‘natural’, esterilizada de toda cultura, descontaminada da intervenção humana. Até aqui, buscou-se evidenciar que há uma cultura específica para este fim, e que sua política opera em bases tecnocientíficas.

2.6 DO “ESTADO DE NATUREZA” AO “ESTADO DA CONSERVAÇÃO”

No “Plano De Ação Nacional Para Conservação Das Tartarugas Marinhas” (2011) elencam-se cinco “ameaças as tartarugas marinhas”, de modo que todas elas são atribuídas à interferência humana, quais sejam: “desenvolvimento costeiro”, “poluição e enfermidades”, “atividade pesqueira”, o “consumo de carne, ovos ou carapaças de tartarugas marinhas”, a “predação por animais”²⁸, e as “mudanças climáticas”.

A fim de pensar um pouco mais sobre estas intervenções humanas nos ciclos naturais e as conhecidas consequências para o recorrente tema da crise ambiental e crise da diversidade biológica, proponho acompanhar o pensamento do filósofo Michel Serres em seu livro “O Contrato Natural” (1994). Como aponta o filósofo Michel Serres, atualmente pela proporção que a dispersão humana tem tido no “Planeta-Terra” o homem adquiriu uma equipotência em relação a “natureza global”:

A natureza global, O Planeta-Terra na sua totalidade, sede de inter-relações cruzadas e recíprocas entre os seus elementos locais e os subconjuntos gigantes, oceanos, desertos, atmosfera ou bancos de gelo, é a nova correlação dessas novas camadas de homens, sede de inter-relações cruzadas e recíprocas, entre os indivíduos e os subgrupos, os seus instrumentos, os seus objectos-mundo e os seus saberes, concentrações

²⁸ Este último, conquanto pareça não ter causa humana, no referido trabalho a ameaça por predação acontece ou por animais domésticos, ou por uma escassez de alimentos em um habitat impactado pelas ações humanas, de modo que se intensifica a predação feita por animais silvestres.

que pouco a pouco perdem as suas ligações com o lugar, a localidade, a vizinhança ou a proximidade... (p. 39)

Isto porque, na medida em que os conglomerados humanos foram se tornando mais densos e colossais, se tornaram “*agentes físicos no sistema físico da Terra*” (p. 36). Apesar disto, coloca ainda o filósofo, ainda que tenhamos atingido tal dimensão crítica, ficamos aquém na ‘escala dos seres’²⁹. Nossas megalópoles se tornaram variáveis físicas, contudo “*não pensam, nem pastam*”³⁰. Deste modo, ele coloca:

Eis-nos chegados a proporções tais que, finalmente, existimos agora fisicamente. Tornado animal em comum, o individuo pensante, associado de formas múltiplas, transforma-se em pedra [ser físico, inerte]. E sobre ela funda um novo mundo. Equivalem, de fato, a muitos desertos, as arquiteturas duras e quentes das megalópoles; a grupos de fontes, poços e lagos [...] ou a um oceano, ou a um placa tectônica rígida e imóvel. Existimos, enfim, naturalmente. O espírito cresceu como animal e o animal cresce como camada.

Ocupamos, desde então, toda a escala dos seres, espirituais, vivos e inertes: eu penso como individuo; vivíamos como animais coletivos; os nossos conjuntos acedem ao movimento dos mares. Não invadimos apenas o espaço do mundo, mas, se assim posso dizer, a ontologia. Primeiros no pensamento ou na comunicação, os mais bem informados dos seres organizados, os mais ativos dos conjuntos materiais. O ser-em-toda-parte não se difunde somente no espaço, mas nos reinos do ser. (p. 38)

Assim, para o autor, seria necessário que o ‘contrato social’ se desdobrasse em ‘contrato natural’. Seria mediante este contrato que diante de ‘direitos naturais’³¹ se buscaria um novo equilíbrio global entre os conjuntos humano e natural (SERRES, 1990). Desta forma é que, proponho, se cruzariam o que chamei “estado de natureza”, precipitado e motivador nas relações entre cientistas e naturezas; e o “estado racional”, precipitado e motivador nas interações da natureza humana. Sobre este último, Wagner (2012):

O Estado racional se funda nos “direitos naturais” de seus cidadãos, a tecnologia serve às “necessidades naturais” do homem, e a ciência e a filosofia natural se esforçam para aperfeiçoar suas técnicas, metodologias e aparato conceitual para a compreensão e representação do “fato natural” e da “realidade”. (p. 335)

²⁹ Por ‘escala dos seres’ o filósofo elenca três reinos do ser: seres espirituais, vivos, e inertes.

³⁰ Respectivamente, referencia aos reinos dos seres “vivos” e dotados de “espírito”.

³¹ Serres afirma que os filósofos do direito natural designavam por este termos um conjunto de regras universais e positivas, decorrentes da natureza e da razão humanas, respectivamente. Meu uso aqui distorce um pouco esta concepção, no sentido de um alargamento que visa a natureza e a positividade da própria natureza, capaz de tornar plausível o contrato entre os polos ‘mundo’ e ‘homens’.

Se para Wagner as técnicas, metodologias e aparatos conceituais são aprimorados para a compreensão e representação do “fato natural” e da “realidade”, poderíamos dizer que no que tange ao conservacionismo, técnicas e metodologias que se aperfeiçoam pela ciência, e se praticam pelos técnicos e entidades (instituições) da conservação, se prestam a compreender e representar o “fato natural” e a “realidade” das espécies ameaçadas. Isto de tal modo que no contexto onde se dão estas operações, qual seja a REBIO, articulam-se necessidades tanto do homem como da natureza.

Em um breve exame da antropologia política, Marcio Goldman e Tania Stolze Lima (2013):

Quando se trata de sociedades com Estado, a política é definida como o domínio por excelência da intervenção humana, ou como sendo essa própria intervenção; mas, quando se trata de sociedades sem Estado, é definida ora como uma espécie de espaço neutro governado por leis e princípios situados além da agência humana, ora como o nome conferido a intenções e intervenções puramente individuais, sem que se reconheça a existência de uma dimensão propriamente política da vida social. (p. 16)

Da maneira a tratar das múltiplas intervenções humanas evidentes no trabalho de conservação sugere-se que a sociedade (associação) então estabelecida no contexto de uma unidade de manejo caracterizaria uma “sociedade *com* Estado”. Isto no sentido da intervenção política que articula os conhecimentos produzidos cientificamente e a aplicação local das tecnologias para o manejo das *tartarugas*; e articulação entre a “predação científica” e a “proteção” da *tartaruga*. Contudo, se a proposta é a de que este contrato funda uma ‘sociedade *com* Estado’ se faz necessário explicar a necessidade de uma formação do estatal neste contexto. Qual seria a necessidade de se centralizar o poder neste caso? À que, especificamente, visa esta intervenção política? INGOLD (2012) aponta que:

... deixados ao léu, os materiais fogem do controle.[...] Esforço e vigilância são necessários para manter as coisas intactas [...]. O mesmo vale para o jardineiro, que deve estar sempre vigilante para impedir que o jardim se transforme em mata. (p. 36)

Como *coisas* o autor trata de *um ‘acontecer’, ou melhor, um lugar onde vários acontecimentos se entrelaçam.* (p.29). Neste sentido o animal foge aos domínios delegados como sendo os da natureza, se misturando, hibridizando com a cultura o tempo todo; não respeitando as fronteiras instituídas no âmbito da cultura, as fronteiras entre homens, embaralhando os *limites físicos, políticos e jurídicos dos*

estados nacionais (BEVILAQUA, 2013). Num certo sentido se a cultura por um lado procura se emancipar do ‘estado de natureza’ estabelecido no contrato social, a natureza por sua vez aparece bem mais transgressora. Se um animal, como a tartaruga, (insistentemente) se alimenta de lacres de garrafa ao invés de algas ou águas-vivas é porque são irracionais em relação ao estado fundado no contrato social de Rousseau, aquele pactuado entre os homens. Portanto, a natureza é irracional, ou pelo menos não compartilha daquela racionalidade convencionalmente estabelecida no contrato social. Se até aí o “testemunho dos não humanos” goza de validade universal (LATOURE, 1994), isto é sempre no sentido de “calar” as discussões humanas (LATOURE, 2004a) implicados no contrato social, e não uma expressão da natureza enquanto sujeito de direito.

Diante da crise causada por esta irracionalidade natural, crise ambiental, crise da objetividade, a cultura corre atrás da natureza, buscando nela sua racionalidade subjacente. Sobre isto Serres (1994) questiona afinal, *qual a linguagem falada pelas coisas do mundo para que nos possamos entender com elas por contrato?* (p. 67); ao que ele responde:

Apesar de tudo, também o velho contrato social permanecia não dito e não escrito: nunca ninguém leu o original ou mesmo uma cópia. É certo que desconhecemos a língua do mundo ou apenas conhecemos dela as diversas versões animista, religiosa ou matemática. Quando foi inventada a física, os filósofos diziam que a natureza se escondia sob o código de números ou de letras da álgebra: essa palavra código deriva do direito.

Na verdade, a Terra fala-nos em termos de forças, de ligações e de interações, e isso basta para celebrar um contrato. Cada um dos parceiros em simbiose deve, por direito, a sua vida ao outro, sob pena de morte. (p. 67-68)

Ainda que para o filósofo o entendimento suficiente para um contrato natural esteja em termos de *forças*, de *ligações* e de *interações*, penso que no contexto naturalista em questão (o “Estado de conservação”), seria a ‘produção científica’ a expressão da busca pela ‘língua do mundo’ correspondente ao ‘estado de natureza’. Um exemplo particularmente ilustrativo deste argumento é o interessante estudo sobre ‘as vocalizações de tartarugas como a primeira evidencia de cuidado parental pós-eclosão’³² (FERRERA, C. R. R. C. V; S. S. RENATA, 2013). Desta forma a ‘razão natural’ aparece com *a(s) tartaruga(s)* e estas então podem assumir seu

³² O título do referido estudo no original é *Turtle Vocalizations as the first Evidence of Posthatching Parental Care in Chelonians*.

compromisso racional neste ambiente artificial (UC's). Este novo contrato estabelecido e uma vez "territorializado" (MARRAS, 2013) funda o que chamei "Estado de conservação". Este possui leis (da natureza bem como da cultura), diretrizes, recompensas aos seus cidadãos – tartarugas, locais, cientistas, turistas – que coabitam o coletivo e que com isso assumem um compromisso com a *convenção* colocada pela formação estatal.

Desta forma, algumas consequências interessantes se evidenciam. Primeira delas é que, se capazes de estabelecer este pacto, sob a forma de 'contrato natural', estas *tartaruga(s)* possuem uma certa agência, uma vez que operam como 'controles coletivizantes' (WAGNER, 2012). Disto uma segunda consequência: a moralidade dos seres que interagem dentro do coletivo, sejam humanos ou não-humanos, ou seja, seu compromisso implícito com a convenção que ali está em jogo. Aqui me refiro a moralidade da(s) *tartaruga(s)* em seu compromisso com as convenções conservacionistas, ou seja, sua ação coletivizante.

Outro ponto é que, conformando um estado, há um entrecruzamento das leis humanas e naturais. As primeiras orientam os fluxos humanos de pessoas dentro daquele território. Assim, por exemplo, ao longo da faixa litorânea onde se situa a ReBio, os acessos que vão da estrada à praia são restritos a alguns poucos pontos. Neste mesmo sentido, algumas estacas de madeira pintadas de branco são fixadas próximos aos ninhos já registrados pelos estagiários. Este recurso tanto permite um controle e monitoração dos ninhos encontrados em trabalho de campo dos técnicos, quanto serve como orientação aos turistas para que evitem violar os ninhos. Já as leis naturais são aquelas encontradas pelos cientistas e que regem o comportamento dos entes naturais - as *tartaruga(s)* – traçando constantemente fronteiras a partir dos objetos técnicos e metodologias. Temos aí os 'quadriciclos' e o 'jipe' usados para vigiar/monitorar a orla e as desovas; as lanternas que iluminam os trabalhos de campo a noite; instrumentos para anotações, que enfim constituem todo um arsenal de objetos necessários à 'predação científica'. Em suma, o Tamar, enquanto mediador central no estabelecimento destes pactos, atua no controle das interações e constituição de fronteiras entre humanos e não humanos, se caracteriza portanto como um "contexto convencional" e agindo *em conformidade explícita com um ideal ou uma expectativa coletiva quanto ao modo como as coisas 'devem ser feitas', construindo seu contexto segundo linhas que correspondem a uma imagem*

compartilhada do moral e do social. [grifo meu] (WAGNER, 2012. p. 129). Deste modo, política da natureza é mais do que uma política para a natureza, é uma política que rege as interações entre naturezas e culturas. As fronteiras entre os seres. É portanto uma política ontológica.

Se até aqui buscou-se evidenciar os compromissos travados em relação ao “Estado de conservação”, na sequência de nosso trabalho começaremos a explorar o aspecto oposto. Aquilo que acima foi descrito como uma certa ‘irracionalidade’ inerente natureza – em oposição à razão humana -, a partir de agora será positivado e entendido como uma ‘insubordinação’ aos pressupostos ontológicos implicados neste contexto naturalista.

3. CAPITULO II – CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONTATO COM A NATUREZA EM REGÊNCIA

Tendo situado, à minha maneira, a tartaruga no ambiente a partir do que se entende por natureza, a questão agora é como os seres sócio-lógicos, urbano-lógicos, tecno-lógicos (biólogos e ecólogos) se relacionam mais diretamente com as tartarugas, suas emoções, narrativas, seus encantamentos e a estetização desse ser-tartaruga. Entraremos a seguir mais a fundo nas relações entre os estagiários que trabalham, sobretudo na prática de campo da conservação. Em nosso contexto de estudo este encontro pragmático acontece durante as *carebadas*.

3.1 OS TRABALHOS DE CAMPO

Gostaria de começar com algumas reflexões decorrentes do trabalho de campo. Estas reflexões brotaram durante o trabalho de campo e de alguma forma tentam processar, interpretar, minha relação com “nativos” que não me apareceram tão exóticos quanto achei que seria necessário a um trabalho etnográfico. Essas reflexões tem a intenção de tentar me situar em um ponto de distância-proximidade capaz de produzir alguma etnografia.

Os ‘dados’ deste capítulo constituem-se principalmente de idas a campo durante as temporadas de desovas das tartarugas em Regência, e entrevistas feitas com os estagiários que vão para a base do Tamar durante estes mesmos períodos para fazerem os trabalhos de praia. Minhas idas a campo foram ao longo de duas temporadas, onde tive a oportunidade de conhecer duas ‘gerações’ de estagiários. Nestas visitas a Regência, as indagações que carregava diziam respeito principalmente à relação dos estagiários com a natureza, como eles tratavam da

natureza em seus discursos e o que eles pensavam dos trabalhos de conservação do Projeto Tamar na região³³.

Pode haver, contudo, uma discrepância entre a experiência vivida e a experiência anunciada, quando se pensa que a enunciação pode ter por intenção algum interesse político específico. Salvo esse caso, ainda assim se poderia argumentar que não necessariamente as experiências subjetivas encontram correlatos capazes de ‘expressar’ com clareza a dimensão de tal experiência, e que as formas expressivas encontradas para expor a experiência sirvam apenas para trazer a experiência subjetiva para uma realidade (objetiva). Desse modo, como poderíamos nos aproximar com mais estreiteza destas experiências que digo serem tão pessoais, subjetivas? Como proceder para que durante a coleta de dados sobre as experiências pessoais (individuais) não se caia de maneira direta e simplista nos jargões que circulam nas “redes” conservacionistas – que tratam de valores –, e científicas – que tratam de objetos?

Em minhas entrevistas e conversas com os estagiários pude notar que apesar das diferentes histórias de vida³⁴, todos eles relataram vivências e memórias importantes de contato com a natureza. As diferentes histórias de vida foram inicialmente um desafio para mim. Por um lado, não me era óbvia uma unidade de análise, ou um viés onde situá-los; por outro, a dificuldade era a de situá-los há alguma distância em relação a mim, pois já também tive minhas próprias experiências de contato com a natureza, além de quê, de algum modo ainda, eu me via tão cientista quanto eles; eu me preocupava em acabar falando de mim mesmo como se fosse um deles. Contudo, era preciso traçar duas distinções fundamentais. Primeiramente, eu não possuía o conhecimento acadêmico em ciências biológicas que eles detinham. De maneira geral, os estagiários contratados, ainda que não obrigatoriamente, eram estudantes em veterinária, biologia, ecologia, engenharia ambiental e oceanografia. O segundo ponto é que, para além da importância das memórias de experiências prévias com a natureza em suas histórias de vida (MILTON, 2002), a maneira como eles vivenciavam suas estadias em Regência era altamente significativa no modo deles de atribuir sentido à natureza e às suas

³³ Ver em anexo uma pequena lista de assuntos/questões que me serviu de guia nas entrevistas com os estagiários.

³⁴ Este era um dos focos de minha pesquisa de iniciação científica.

relações com ela. Deste modo é que, nem só suas memórias passadas, nem seus conceitos conservacionistas, eram assim suficientes para tratar de seus valores conservacionistas. Dessa maneira é que, para compreender suas motivações éticas, foi-me preciso ir além de causalidades situadas em algum lugar do passado, pois este passado era de algum modo revivenciado e ampliado naquele lugar específico (MILTON, 2002):

If emotions do, indeed, affect memory in this way, then anything that affects the emotional quality of a perceived event or situation might ultimately affect the impact of that event or situation on the perceiver's knowledge of the world. So, for instance, the presence of others individuals, the state of significant events, in the perceiver's life, the aesthetic quality of the of the surroundings – all these things and many more can affect the emotions generated in any act of perception, and so ultimately affect the impact of the information received on memory and knowledge. (MILTON, 2002, p. 65).

A partir daí dispus-me (e me expus) um pouco mais a ‘mergulhar’ naquele universo que então eu buscava investigar. A prática de campo, a vivência na vila, na natureza, foram experiências que busquei experimentar à medida que seguia meus nativos e na medida em que me revelavam a relevância disto para eles.

Isso parece-me, produz uma comunicação diferente da que se produz do encontro entre ‘cientistas’, por exemplo – um do “social” e outro do “natural”. Já que a comunicação tem caráter coletivizante (WAGNER, 2012), eu considerava grande o risco de que os nativos simplesmente reproduzissem algum tipo de discurso por demais recorrente, universal, ambientalmente correto, coerente... Este parece ter sido o caso, por exemplo, de quando tentei entrevistar os atendentes pensando que eram os estagiários.

O meu intuito durante o trabalho de campo era o de instigar os meus nativos a se distinguirem dos discursos estereotipados do conservacionismo ou da ciência, no sentido de provocar um distanciamento de uma realidade *objetiva* - ou “objetividade sem parênteses” (MATURANA, 2001) - rumo às emoções implicadas no modo deles conhecerem (MILTON, 2002) e interagirem (MATURANA, 2001; INGOLD, 2010) com o campo deles: a natureza.

Portanto, para falar da perspectiva de minha produção etnográfica considero interessante pensar a partir do termo ‘*co-produção*’³⁵ (ROHDEN, 2012). Para Fabíola

³⁵ Conceito de Sheila Jasanoff (2004) *apud* Fabíola Rohden (2012)

Rohden (2012), *se inocência nunca houve, cada vez mais a crença em um posicionamento distanciado se desfaz, em troca da busca por uma objetividade compromissada* (ROHDEN, 2012, p. 54; grifo meu). Como propõe a autora, busquei a potencialidade das diferenças dentro das infindáveis conexões que constitui o nosso estudo. Assim a ‘*co-produção*’ pode ser um importante conceito para analisar ‘os outros’, e a ‘nós mesmos’, na interlocução que temos com ‘eles’ (ROHDEN, 2012, p. 55). Buscamos, portanto, *os efeitos das associações singulares produzidas em contextos específicos* (ROHDEN, 2012, p. 56). Em nosso caso enfatizamos até então no primeiro capítulo alguns efeitos associativos entre Tamar, cientistas, turistas, nativos, e tartarugas. Neste capítulo, focarei nos efeitos das associações entre estagiários e tartarugas no contexto de Regência.

Como estagiários, então, entenderei as pessoas que vão para Regência passar uma temporada de desova trabalhando e vivendo ali. Estabelecem relações não só com o animal, mas com a comunidade, com os turistas, entre si, e, eventualmente, comigo. São pessoas, estudantes em geral, que apresentam afinidade explícita com o trabalho de campo em conservação, bem como com educação ambiental. Assim, considero-os naquilo que escapam dos *fins* entendidos de modo estrito, ou seja, considero-os naquilo que lhes afeta emocionalmente, sejam coisas boas (satisfação com o intenso contato com a natureza) ou ruins (desconforto com o estar em um lugar tão ermo). Em meio a tantas afetações provocadas naquele lugar, surpreende o forte interesse conservacionista que os motiva. Como em Milton (2002, p. 65), *the intensity of interest is influenced by the intensity of the emotions experienced*. Ainda que as práticas sejam orientadas para fins científicos (e valorativos), elas abrem espaços (linhas de fuga) para uma experiência emocional com a prática, como é o caso da carebada, e a abertura de ninhos para soltura de filhotes.

Minha aposta foi, então, a de que o meu trabalho de campo seria investigar o trabalho de campo deles. De modo que o ponto de distância ou a proximidade entre eles e eu estava situado na *forma* de interagir e se integrar com a natureza naquele contexto. Assim, a análise deu-se pelo contexto da experiência, de modo que procurei colocar-me na situação de “experimentar a experiência deles”, e daí constituir o processo de ‘extensão do significado’, aquele que Wagner usualmente denomina *analogia*, *metáfora* ou *alegoria* (GOLDMAN, 2011, p. 206), necessário à

‘invenção da cultura’. Portanto o acesso aos meus nativos deu-se pelo campo onde eles se encontravam, encontravam a natureza, e onde eu os encontrei: encontro de campos e relações.

3.2 ESTAR EM REGENCIA

*“Pegando carona nas grossas correntes
Se vão tartarugas de cascos brilhantes
Que embarcam no rumo de praias distantes
Que servem de berço pra seus descendentes
Que rasgam os ovos, que emergem valentes
E correm sozinhas para se salvar
Mas só uma ou outra consegue chegar
Nas águas salgadas que impedem o abraço
Das garras das aves de bico de aço
Que cantam ciranda na beira do mar”*

(CANTANDO CIRANDA NA BEIRA DO MAR – Siba)

Se eu queria buscar uma experiência *diferenciante* (WAGNER, 2012), penso que a linha de fuga encontrada tenha sido a estetização, muito evidente em alguns casos, mas, sem dúvida, compartilhada de maneira geral pelos (e com os) estagiários, pois se estética tem a ver com sensação, então o que quero dizer é que esta sensação está no corpo como um todo. Avistar a tartaruga, vê-la cavar, botar ovos, subir do mar, dormir num alojamento, conhecer o povo de Regência, conviver, almoçar no restaurante Carebão, virar noite andando de quadriciclo, na chuva, no frio, cavar a areia grossa até sentir o cheiro forte dos ovos, cavar mais ainda, debaixo do sol quente, ardendo a pele, sorrir ou chorar com o filhote recém-nascido sendo devorado pelos siris, pelos pássaros ou pelo mar... Um corpo imerso em sensações/emoções. Tantas delas, e, ainda, compartilhadas com as tartarugas!

A experiência de campo foi experiência de contato com a “natureza”; a paisagem de Regência passa uma sensação de amplitude que me era desconhecida. Sou da cidade de Vitória, uma ilha pequena, capital do Espírito Santo, de topografia bastante irregular, de modo que em quase todo canto se observa algum morro (ou construção), sendo que a referência intuitiva de localização

de seus habitantes consiste em saber de que lado está o mar. A paisagem parece ter sempre este caráter: morro e mar.

Em Regência, o que se vê é outro cenário. Mar e terra se estendem com tal magnitude que basta que se olhe para o céu para que se tenha a sensação de ser devorado pela imensidão. Isto me remeteu ao “sentimento/imersão oceânica”³⁶ de Freud (2010), e é precisamente a esta impressão que gostaria de me ater, e que penso seja a forma que caracteriza o tipo de contato com a natureza que os estagiários³⁷ experimentam na vila:

originalmente o eu contém tudo, mais tarde ele segrega de si um mundo exterior. O nosso atual sentimento do eu, portanto, é apenas um resíduo minguido de um sentimento de grande abrangência – na verdade, um sentimento que abrangia tudo e correspondia a uma íntima ligação do eu com o ambiente [grifo meu]. [...] ele seria [então] uma espécie de contraparte do sentimento do eu, delimitado de modo mais restrito e mais claro, próprio da maturidade, e os conteúdos ideativos correspondentes a esse sentimento primário seriam justamente os de uma ausência de limites e de uma ligação com universo... (p. 48)

Poderíamos dizer que, em Regência, a ‘vila’ é pequena, e, de certo modo, a humanidade, o homem, são. Assim, pois, é que me parece a imagem da imersão ilustra bem uma certa ‘relativização’ do eu em meio a tantos fluxos de sensações que aquele ambiente provoca na gente.

O continente se abre num horizonte quase tão límpido quanto o mar aberto que o complementa, e arriscaria dizer que são as ondas³⁸ um relevo mais significativo que qualquer um que se possa encontrar em terra. É deste mar majestoso, bem como do majestoso Rio Doce que deságua na região, que a vila extraiu seus recursos e seus significados, sua relação com a (dita) natureza. O rio, contam os antigos, tinha de tudo. Tudo que era tipo de peixe. Do continente brotavam roças. Do mar, além da pesca, vinham seres que “navegavam” oceanos inteiros, nadando graciosamente para Regência quando era a época de darem continuidade rumo à eternidade de sua existência. Estes seres magníficos traziam

³⁶ Meu intuito com a expressão não consiste tanto em uma apropriação conceitual rigorosa, mas a imagem que ela parece suscitar me parece oportuna para descrever certo tipo de sensação relacionada à natureza. Digo isso especialmente no caso dos estagiários, pois passam boa parte do tempo em trabalho de campo.

³⁷ Com os locais (pescadores ou atendentes) a coisa é bem diferente. Esta, como veremos, foi uma observação proveniente de uma conversa com os próprios estagiários em minha segunda ida a campo.

³⁸ Elas são um dos grandes atrativos turísticos do local, pois Regência é considerada um dos melhores picos de *surf* do ES.

consigo além d'uma história amplíssima, uma gama de significados para a pequena vila de Regência (RODRIGUES. J, 2004). Os bichos (estes estranhos 'monstros') eram grandes, e, apesar de aparentemente se locomoverem com dificuldade fora da água (vide o rebuliço deixado em seus rastros na areia), dispunham de uma força estupenda (especialmente as maiores), além da habilidade de cavar buracos enormes que chegam a ultrapassar um metro de profundidade³⁹.

A *mole*⁴⁰ é um verdadeiro monstro, podendo atingir dois metros de comprimento e com capacidade de mergulhar até 1000 metros de profundidade (ALMEIDA et al. 2011), elas comem singelas 'águas-vivas'. É justamente em Regência, onde a natureza é sublime e o homem é pequeno, que esta 'titã' teria escolhido para dar continuidade aos ciclos de vida de sua existência enquanto espécie, e cuja existência ultrapassaria qualquer dimensão de tempo humano no planeta.

Pois bem, a minha experiência etnográfica não pode prescindir de se tornar estética. E é desta perspectiva que acredito ser necessário apresentar o 'contato com a natureza' – expressão tão enfatizada e repetida ao longo das entrevistas e conversas que se tornou um "canto", mais que uma descrição. A seguir, essa 'imersão oceânica' na natureza será aprofundada, a partir da experiência dos estagiários e em contraponto com a experiência dos atendentes da base da Reserva Biológica de Comboios (REBio Comboios). O aspecto que acredito ter capturado pela estadia no local e no contato com os estagiários foi, mais do que um contato frontal, um mergulho profundo na natureza, numa beleza gratificante para os estagiários, mas também por vezes sufocante.

3.3 MUITA NATUREZA E POUCA CULTURA

... E estes artefatos máximos, nossas cidades, constituem igualmente controles para a precipitação da "vida", de uma vida social e Cultural que não pode ser produzida sem a ordem e a ambivalência delas. Elas são aquilo em que a Cultura se acumulou, e são indispensáveis para os "eus" e

³⁹ Perguntei-me algumas vezes como as tartarugas de couro conseguem fazer isso. Abismava-me a capacidade delas cavarem um buraco com um corpo daqueles, feito para fatiar a água, não a terra.

⁴⁰ 'Careba mole', como é chamada na região; ou *Dermochelys coriacea*.

os ciclos, para os “sentimentos”, que dependem daquela ordem. E, assim, em um mundo altamente relativizado, elas se tornam um habitat “natural”, ao mesmo tempo ambiente e ordem. A cidade é Cultura [...]; ela é um contexto [...] que foi e é deliberadamente articulado, precipitando uma necessidade que se converte na própria necessidade de civilização. (WAGNER, 2012, p. 193-4, grifo meu)

Grande parte da aventura de estar em Regência se fazia sentir na escassez de cotidiano *urbano-lógico* na vila. Praticamente todos os estagiários são de lugares consideravelmente urbanizados. A vila por outro lado é bastante rústica, e apesar da relativa estrutura para receber os visitantes, essas parecem não ser muito usadas, ou mesmo não parecem estar disponíveis, a não ser nos períodos mais frequentados pelos turistas, quando há eventos culturais: forró, festas tradicionais, o carnaval... Apesar disso, os finais de semana movimentam um pouco mais a vila, quando há sol ou quando as condições do mar estão favoráveis à prática do surfe. Afora isso, os 40 km de estrada que ligam a vila à BR 101 são uma grande barreira aos visitantes, principalmente em condições chuvosas, devido ao percurso de estrada de terra (32 km).

Este relativo marasmo talvez seja natural para os habitantes de Regência, mas os estagiários, todos forasteiros - mesmo que vários sejam espírito santenses, não são nascidos na vila – muitas vezes se queixavam. O alojamento onde eles usualmente costumavam ficar era na própria base do Tamar, localizado na REBio de Comboios – afastada cerca de 7 km da vila – cercada apenas por oceano, praia, ninhos, fauna e flora nativas. Durante a minha primeira visita a campo, em janeiro de 2013, entretanto, os estagiários estavam instalados na própria vila, em uma casa alugada especialmente para isso, o que parecia ser, para alguns, um alívio, pois eram contadas histórias de que às vezes animais, como cobras, entravam no alojamento.

Tudo isso - estar na base, e morar lá durante o período da desova – era uma condição excessiva de contato, ou, como eu gostaria de dizer, de imersão no universo natural, selvagem, mas uma condição, ainda que desafiadora, gratificante. Mesmo que não tenha sido o caso de uma imersão (quase que) total na natureza, como teria sido morando na base, a estadia na vila era vista como bastante rústica e/ou precária, e consistia num grande desafio para os meus ‘nativos’ - alienígenas em Regência.

Este fato, porquanto nos pareça de imediato como um sofrimento, era suscitado por eles próprios com certo enaltecimento, pois todo o esforço desempenhado em ficar trabalhando numa vila (rústica), dia e noite, voluntariamente, de 3 a 6 meses, a depender do estagiário, parecia ser recompensado pelo prazer de se estar “imerso” na natureza. O uso do termo “imerso”, ou mergulhado, parece adequado no que ressalta o fato de se estar cercado/envolto por todos os lados pelo ‘trabalho de campo’ e pelo prazer proveniente disso, e, por outro lado, a ‘falta de ar’, de ‘chão’, de familiaridade a que tal situação remetia-os, pois a rotina dos estagiários era bastante cansativa, corrida e atarefada. Eles trabalhavam literalmente dia e noite dispondo apenas de algumas folgas conforme o número de estagiários na base naquele momento.

A ideia de estar imerso não significa que esse fosse o objetivo, ou a razão dos estagiários irem para o trabalho de campo em Regência. Havia em seus discursos uma coisa de dever (ou vontade) moral/ética para com a vida no planeta, mas o que a ideia de imersão trata é da possibilidade de trabalhar (desempenhar esta função moral/ética) em contato com a natureza, e por isso o trabalho de campo na conservação era buscado por eles.

Mas por que esse mergulho? Para além dos discursos normativos, valorativos e conscientizadores: os afetos! É justamente aqui que entram em cena as emoções e o aprendizado que ocorre em função delas.

3.4 OS CONTATOS COM A NATUREZA

Em minha segunda visita à base, em janeiro de 2014, não encontrei nenhum estagiário, somente os atendentes, que são moradores locais. Dois deles eram temporários e um, Aloísio, já trabalhava há 10 anos no Tamar, tendo já assumido outras tarefas, como carebar. Logo que cheguei não sabia que eles eram atendentes, e pensando que se tratavam de estagiários, expliquei-lhes que queria entrevistá-los sobre a conservação e a relação deles com a natureza.

Aloísio logo me advertiu que este assunto poderia ser mais bem tratado com o pessoal do Centro Ecológico, na vila, pois eles tinham “mais informação” sobre isso. Achei estranho o encaminhamento para o Centro Ecológico e insisti um pouco, dizendo que queria a opinião “deles” sobre o assunto; ele achou que eu queria saber algo sobre a comunidade⁴¹. Por acaso, no momento em que pensei em ir embora para onde eu havia sido encaminhado, uma excursão de jovens - um menino me disse depois que eram quase todos do terceiro ano - acabava de chegar na base para visitação. Eu e meus interlocutores ficamos observando os alunos entrando. Aloísio disse-me que, se quisesse, ele poderia conversar mais com calma comigo depois de atender os estudantes. Vali-me do ensejo e resolvi acompanhar a excursão, assistindo as explica es e o vídeo explicativo do Tamar com os alunos.

Permaneci como visitante, fazendo apenas perguntas de curiosidades recorrentes em uma visita o turística mesmo, enfim... A princípio nada sobre naturezas, culturas, humanos e animais...

Durante a exposi o para os alunos, achei interessante uma mudança no “tom” da fala de Aloísio. Quando conversou comigo não houve nenhuma ênfase na conversa, ainda que eu tivesse me apresentado como pesquisador. Ele provavelmente pensou que meu foco de pesquisa era realmente o trabalho social do Tamar, o trabalho com a comunidade. Contudo, ao falar para a “plateia” de visitantes-estudantes sobre as tartarugas e a importância delas para o ambiente foi evidente o “tom” romântico que tomou conta de Aloísio. Aparentemente, aquele “encantamento” na apresenta o de Aloísio aos visitantes não apareceu mediante as temáticas “tartarugas” ou “natureza”, mas sim mediante a presença dos próprios visitantes. Isto me remeteu   fala do nativo do vídeo-palestra que apontava que a importância da tartaruga viva era a gera o do emprego.

Isso se contrapõe   rela o que se encontra entre estagiários e tartarugas. Percebe-se um tom bem distinto; para os estagiários, os olhos brilham e a emo o   recorrente; parece não ter havido treino algum, tal como percebemos com os atendentes. De fato, tanto estagiários como atendentes são treinados sobre “como

⁴¹ Posteriormente, ocorreu-me que eu deveria ter perguntado sobre o treinamento dos atendentes, pois parece que eles seguem algum tipo de protocolo ou treinamento de como proceder com os visitantes, e como não me apresentei como visitante fui mandado a outro lugar que pudesse ‘dar conta de mim’.

lidar” com a tartaruga, mas é notória uma diferença entre as motivações e as recepções (concepções) do treinamento. Na prática, sem dúvida, o que há são matizes entre esses pólos, distribuídos um tanto irregularmente entre técnicos e atendentes.

Como o foco principal é a ideia da ‘imersão’ dos estagiários na natureza, não enfocarei tanto a minha percepção sobre os atendentes. Ainda assim considero interessante evidenciar tais diferenças nos modos de perceber a tartaruga. Diferenças que me saltaram aos olhos principalmente na conversa com Aloísio, mas também emergiram em um diálogo com um pescador importante na região (Zé Sabino). Em entrevista, o senhor Sabino afirmou que o Tamar também explorava a tartaruga, uma vez que usa sua imagem, seu carisma nos produtos feitos nas confecções do Tamar.

Meu intuito em apontar esses matizes entre os tipos de encontro com a natureza não é tanto no sentido de especificá-los todos. As variações que poderiam compô-las provavelmente são vastíssimas caso fossem todas tratadas, distribuídas entre visitantes, moradores mais antigos, moradores mais jovens, pesquisadores e técnicos/estagiários. Destarte, se cito o senhor Sabino e o Aloísio, o intuito é fornecer uma base de comparação para o contato com a natureza daqueles que foram o meu maior foco na pesquisa etnográfica: os estagiários. Assim há um pouco mais de subsídio para compreender as implicações do conservacionismo-em-prática no modo como os estagiários sentem, apreendem, e conhecem o ambiente e a natureza, uma vez que estejam situados em um ambiente natural. Parto então para o ‘contato com a natureza’ dos estagiários em campo.

Carebar é uma verdadeira aventura. Provoca um contato muito intenso e direto com a natureza, tanto pelo contato com as tartarugas marinhas como pelo cenário (ambiente). O tempo (clima) e o horário (noturno e matutino com sol esquentando) às vezes exigem muita resistência física dos estagiários responsáveis pela *carebada*. Desprovidos em grande medida dos confortos proporcionados pelo ambiente mais “culturalizado” do cenário urbano.

Apesar de eu não ter presenciado um encontro com a tartaruga de couro, ouvi alguns relatos durante minha própria imersão na *carebada*. Segundo as descrições do comportamento tido como normal as tartarugas geralmente sobem à praia à

noite, procurando um local adequado para desovar e, quando finalmente acham este lugar, elas cavam e colocam os ovos. Excepcionalmente, algumas tartarugas não acham o local ideal para desovar retornando ao mar e subindo em outro local da costa. Quando da *carebada* pode ocorrer dos estagiários encontrarem a tartaruga antes que ela desove, ou seja, no momento em que ainda está “procurando” um lugar para fazer o ninho. Nestes casos, eles se esforçam para não distrair a atenção da mesma, não assusta-la, até que ache o local ideal para o ninho e comece a cavar. Ao se avistar um animal nestas condições durante a *carebada* desliga-se o motor e os faróis do quadriciclo a uma boa distância para que o barulho do motor e a luminosidade não o perturbem. A dupla de estagiários que está *carebando* aguarda silenciosamente, pois este é um momento de não interferência na natureza, os instrumentos (objetos humanos) são retirados de cena quando do encontro entre a ‘natureza’ e a ‘cultura’ (o humano e o animal, aqui): apagam-se as luzes, cessam-se as vozes (humanas e dos objetos-humanos como os motores) e até os movimentos. Nada disso pode/deve chegar ao animal para não interferir em sua natureza, em seu movimento *bio-lógico* (o movimento da vida “purificada” de toda cultura, impulsionada, diríamos, apenas pelos instintos da natureza). O contato natureza-cultura é omitido neste momento; ou ao menos se tenta fazer que esteja omitido ou mitigado para o animal.

Contudo, uma vez que a tartaruga tenha cavado e iniciado a desova, ela entra num estado de *transe*, segundo os estagiários. Assim, os relatos são de que se pode, nesse momento, fazer as medições, pois a intervenção não alteraria os ciclos naturais da fêmea, não os prejudicaria em sua previsibilidade natural. A ação conservacionista, então, possui este sentido, o de conservar o animal em sua animalidade isolando-o tanto quanto possível das obras humanas. Há aí um contato que visa ao ‘não-contato’.

Em minha segunda ida a campo, após não ter encontrado os estagiários na base de visitantes, segui ao encontro deles no alojamento, onde Aloísio me disse que estavam. Este alojamento não era o mesmo que eu havia conhecido no ano anterior; era mais isolado do resto da vila, uma casa cercada pela mata de restinga com apenas uma estrada de areia como acesso. Quando fui procurar os estagiários no “alojamento do Manga”, conheci dois estagiários. Um era o “Paulista” (João Vitor) e estudava veterinária em Londrina, e havia trancado o curso para trabalhar durante

um ano em diversos projetos de conservação: de baleias, tartarugas, peixe-boi... No sul, no sudeste e no nordeste do país. Murilo era estudante de biologia e estagiário da base de Vitória, mas, frequentemente, ia para Regência e Povoação ajudar na carebada.

Apresentei-me como estudante finalista em ciências sociais e que estava fazendo uma pesquisa sobre os estagiários e o Tamar, e a relação deles com a natureza. Perguntei se seria possível em algum momento entrevistá-los. Eu havia preparado um pequeno amontoado de perguntas anotadas em meu caderno de campo (ver ANEXO 1). A ideia era a de não criar uma situação formal, de entrevistador e entrevistado, mas achei que uma listinha seria de boa ajuda. Fui convidado a entrar na casa e logo tentei me ambientar, e achei que seria muito brusco começar uma relação demandando por respostas aos 'devaneios' antropológicos sobre se existe ou não uma natureza para eles, e onde ela estaria afinal. Deliberadamente tentei postergar o momento com "eles", estratégia que visava não tanto conseguir algo deles, mas de mim. Eu estava ansioso e esperava me sentir confortável com eles. Enfim, tentei tirar o foco do assunto que me levaria até ali e decidi simplesmente passar o tempo com eles.

Neste sentido eu estava deixando de ser 'tão' entrevistador e sendo um tanto mais etnógrafo, e a sensação me agradou. Passamos a tarde toda a conversar. Uma lagoa escondida no mato perto do alojamento, o filhote vira-lata adotado (pela Cecília, minha colega de pesquisa), as origens e trajetórias deles, biologia, natureza, baleias e sereias foram alguns dos muitos assuntos que atravessamos. A relevância dos assuntos não era univocamente suscitada por mim, mas ainda que não tenha se tratado de uma entrevista, algumas de suas exposições visaram a atender aquilo que disse (vagamente) ser a minha pesquisa.

Um momento que particularmente me chamou a atenção foi quando me contaram que duas tartarugas de couro haviam sido mortas com pancadas na cabeça. Considerei isto importante, pois foi um momento em que se contrapuseram dois modos de se relacionar e entender a natureza. A dedução lógica deles era a de que os pescadores tinham-nas matado para poder desenroscá-las das redes, já que, pelas suas proporções, enquanto se debatem para se livrarem das redes podem

machucar quem está por perto, além de que demandaria muito tempo e esforço para serem soltas enquanto se movem.

O ponto que eu gostaria de evidenciar é mais a reação deles ao refletirem sobre os motivos que levariam “alguém” a fazer algo “assim”. Parecia-lhes um tanto inconcebível a morte de um “ser vivo”, ainda mais por se tratar de um animal daqueles. Como poderia alguém, afinal, fazer uma coisa dessas? Eles falaram da importância da educação ambiental visando a conscientização de todos acerca do ambiente. O pescador, por exemplo, ignorava a importância ecológica das tartarugas (as gigantes), pois elas se alimentam das águas-vivas, que comem (filhotes ou ovos de) peixes; uma queda na população de tartarugas poderia aumentar a predação dos (filhotes/ovos) do pescado, de que dependem os pescadores. Coloquei em questão que a ideia de “vida” para os pescadores deveria ser bem diferente da “nossa”, ao que eles refletiram e pareceram concordar silenciosamente com a cabeça... Mas nunca se sabe...

Após, voltei à pousada para arrumar as malas e tive algum tempo para anotar algumas coisas sobre a conversa que tivemos durante a tarde. O que me ocorria então era a diferença que eu começara a notar entre a ideia de natureza dos estagiários (bem mais romantizada...) e a dos atendentes, e, talvez, dos pescadores – todas em contraponto. Na minha volta para casa, Murilo veio para Vitória comigo e o papo continuou. Ele queria saber afinal o que eu estudava. Na minha tentativa de explicar ele entendeu que tinha algo de “psicologia”, pois eu queria “entender o comportamento” dos cientistas. Eu havia dito que estudava os cientistas para saber como eles distinguiam a Natureza da Cultura, ou seja, aquilo que diz do homem e do resto dos ‘vivos’.

Ao longo da viagem de volta me propus a esboçar para meu interlocutor a diferença que eu começava a supor entre as percepções de natureza “deles” e dos pescadores. Parti da seguinte indagação: “como pode o pescador, “nascido e criado” no mar, cercado por natureza o tempo todo, fazer algo assim para a natureza (referindo-me à morte das duas tartarugas gigantes), enquanto “nós”/“vocês”, sujeitos urbanos têm toda esta concepção sobre “ser parte” da natureza, ou algo assim...? Ele ficou atônito por algum tempo e disse: “é mesmo, logo ‘ele’, que

depende da natureza...” E não soube bem me responder... Disse-lhe que era isso que eu estudava...

No seguimento de nossa conversa, então a linha de raciocínio que seguíamos era a de que crescer afastado dos animais cria distanciamento/s entre o homem e natureza; não haveria empatia possível. Mas o que significaria crescer afastado (ou junto)? Os pescadores, por exemplo, crescem no mar, envoltos em natureza, e, no entanto, segundo os relatos dos estagiários, mataram impiedosamente as gigantes enroscadas nas redes, acertando suas cabeças. Os estagiários que chegaram a Regência, por outro lado, eram (e são) em geral provenientes de lugares urbanos, mas ainda assim buscavam a aproximação com a natureza (ou com as tartarugas e outros animais silvestres). Onde estaria a empatia, a aproximação, se não se trata simplesmente de uma questão de contato?

Aparentemente, sentir-se parte da natureza, como revelaram meus interlocutores, é ser com ela, junto dela. Parece que, para além do contato, é necessária uma “referência à *natureza*”. Possivelmente, sem algum grau de objetividade a *natureza* em sua pura imanência se torna irreconhecível enquanto tal. Juntar-se a esta, portanto, pressuporia um desligamento prévio. A apreciação romântica da natureza é então este enamoramento com uma entidade (um ‘outro’) discernível (a natureza).

Dito isso, o trabalho desenvolvido pelos *técnicos* (o de objetivar) parece casar-se bem com a ideia que tenho seguido: a de uma natureza transcendente, uma entidade, pois ao descobrir/inventar a natureza posso então entrar em contato direto com ela, ou talvez mais: um contato de (sub)imersão, pois, mesmo na submersão não há perda do sujeito no todo. O sujeito não se torna imanente à natureza. Ele ainda existe, mas em um ambiente-natureza; vide o alojamento de Povoação⁴², que é totalmente isolado, mas dispõe de internet e TV. Ou seja, há minimamente um invólucro: fronteira entre indivíduo e ambiente, sujeito e natureza.

Mas então qual é a alteração que se nota ao se estar imerso, já que o sujeito permanece? Ora, debaixo d’água os movimentos são outros, ainda que sejam movimentos de uma natureza construída/inventada/precipitada. Perceber esses

⁴² Outra vila de pescadores, próxima a Regência, quando o acesso é feito cruzando-se o Rio Doce, de barco.

movimentos faz parte de um “treino da atenção” (INGOLD, 2010) que penso ser uma habilidade adquirida a partir da academia, da disciplina. A questão é que este aprendizado suscita não só “conhecer” os movimentos da “bios”, mas senti-los, ser afetado por eles, como demonstraram as experiências de vida dos estagiários. Esta questão disciplinar parece ser o ponto-chave que diferencia a atenção ‘romântica’ e a estética dada à natureza pelos estagiários, e a dimensão mais ‘pedagógica-pragmática’ que observei nos atendentes.

Partindo deste ‘aprendizado’ que ocorre em função da conjunção das experiências de contatos precedentes com a natureza, bem como com do arsenal objetificante proveniente da academia, relatarei como isto se desdobra em campo, na atuação dos estagiários na prática conservacionista.

3.5 A CAREBADA E O CASO DA TARTARUGA LOUCA

... a própria palavra ‘animal’ significa ‘contemplado com mente ou espírito’(animus). (MENTE E NATUREZA - Bateson, p. 16)

Em uma palestra do professor Nelson Lucero com a filósofa Viviane Mosé⁴³, ele diz que Wilhelm Reich tem uma colocação interessante. Ele diz: vamos parar um pouco com a ‘*interpretação*’ e vamos olhar para a ‘*expressão*’. A interpretação olha para o discurso (ainda que na prática, principalmente antropológica a interpretação também se volte para as ‘ações’, as ‘práticas culturais’...) a despeito das expressões, que tomam os afetos implicados nas vivências sociais. Malinowski (1988, p. 103) atenta para isto ao dizer que os mitos devem ser estudados no contexto vivo onde estes mitos nascem.

Tive durante a pesquisa poucos momentos de “observação participante” da prática da carebada, momento no qual os estagiários, digamos, se munem de seus aparatos técnicos e partem rumo à “predação (quase) científica” da tartaruga.

⁴³ Palestra “O que podem os afetos?”, onde a filósofa convidou o professor de psicologia da UFES para falar do tema dos ‘afetos’. Disponível em vídeo no site: <http://www.youtube.com/watch?v=v0cNBQhcQBw> (acesso em 16/07/2014)

Apesar de estatisticamente/quantitativamente incipiente, o momento da carebada forneceu-me boa parte da capacidade de compreender a relação dos estagiários com a tartaruga e com a natureza em Regência, devido à intensidade da experiência. Isto aconteceu em minha primeira ida a campo e como é de costume carebar em dupla, fomos eu e Marjorie naquela noite. Ela era então estagiária em Regência, natural de Ribeirão Preto – SP, graduanda no curso de ecologia da Universidade Estadual de São Paulo (UNESP) de Rio Claro.

Partimos no começo da noite de quadriciclo para percorrer toda a extensão de praia que vai da foz do Rio Doce à base do Tamar (7 km aproximadamente). Além dos aparatos normais que carregávamos para carebar, trajávamos largas roupas pretas de plástico, capas de chuva, e óculos transparentes de plástico: proteção contra a fina e fria chuviscada que iniciava, incitando ainda mais a minha curiosidade sobre o que nos esperava. Ela arrumava tudo no quadriciclo enquanto conversava muito naturalmente com os outros estagiários no alojamento. Alguns se preparavam para dormir, descansar, outros para sair, ir pro “rock”...

Antes de subirmos no veículo para partirmos, ela nos flagrou nas capas e capuzes largos e desengonçados, e observou em tom hilariante que parecíamos tartarugas... Eu em meu empolgado senso de etnógrafo novato logo registrei mentalmente a associação feita por ela. Mais tarde me lembrei do que Rayane⁴⁴ disse sobre cavar os ninhos (para contagem dos ovos e dos natimortos). Eles (estagiários) eram ensinados pelo executor da base durante o treinamento a imitar o jeito de cavar da tartaruga de abrir os ninhos.

Enquanto fazíamos a “ronda”, sob vento e chuva frios, Marjorie me explicava sobre o trabalho de carebar. Eu dividia minha atenção entre segurar na garupa do quadriciclo, fazer perguntas, escutá-la e ver a paisagem à procura de rastros, algum animal e, quem sabe, a gigante... Ela pilotava sobre a areia com notável destreza⁴⁵, desviava dos desníveis provocados pelas marés, ensinava-me como identificar um rastro recente e me dizia como proceder, caso avistássemos uma tartaruga subindo a praia ou desovando. Em meio a histórias e respostas ela narrou um caso,

⁴⁴ Outra estagiária do mesmo período. Era de Linhares e já havia trabalhado outras vezes, em estágios, no Tamar.

⁴⁵ Ela possuía um pequeno jipe e disse gostar de fazer rali.

anedótico pelo tom dela, de uma tartaruga bem estranha, “louca”, nas suas palavras...

A “tartaruga-louca” foi como ela descreveu pra mim uma tartaruga cujo comportamento inabitual marcou os estagiários que estavam em campo, em janeiro de 2013, pois tendo subido à praia (acreditava-se) para desovar surpreendeu os estagiários que estavam carebando. Eles esperavam que ela iniciasse o processo de fazer a “cama”, para depois “cavar”, “desovar” e “tapar”, segundo é ensinado no treinamento dos estagiários. Mas, contou Marjorie, a “louca” somente andou de um lado para o outro. E até a restinga ela andou. Depois voltou para o mar. Ela me contou esta história um tanto estupefata; indignada, quase.

Esta anedota, me parece, serve como evento chave para explorar novos aspectos da relação entre conservacionistas e o animal, aspectos inclusive que estão para além de seus discursos por vezes bastante assentados na cientificidade.

Ela (a ‘louca’) surpreendeu a convenção, ou o acordo implícito entre os técnicos e as tartarugas: os primeiros esperavam/esperam que os ciclos anuais de desova, bem como as práticas de carebagem que o acompanham ritualisticamente, sejam cumpridos segundo o que é esperado e ensinado para os técnicos dentro do coletivo em questão. Quando a surpresa aparece, também a ‘personalidade’ da tartaruga se evidencia: sua ‘loucura’ é o precipitado da relação entre o que ela “faz” e aquilo que ela “é”, ou seja, o que se espera dela. A tartaruga é objetificada pela ciência e precipita/engendra neste processo o seu inverso, seu aspecto subjetivo. Conforme o apontado por Wagner (2012):

É impossível objetificar, inventar algo sem ‘contrainventar seu oposto. A percepção desse fato pelo simbolizador seria, é claro, fatal para sua intenção [...]. Assim, a mais imperiosa necessidade de ação sob essas circunstâncias é uma restrição da visão, concentrando a percepção consciente e a intenção do ator em um dos seus efeitos. (WAGNER, 2012, p.125-126)

O controle de relativização serve de proteção de uma moralidade e consequentemente da ‘alma’. A alma norteia e inspira a individuação deliberada, ela é resultado de esforço de se diferenciar (WAGNER, 2012, p. 229). A alma da tartaruga louca (atribuída, digamos por ora) age justamente como contra medida à ameaça de relativização do coletivo pressuposto, um coletivo balizado na moralidade conservacionista, que chamei “Estado de conservação”. Esta é, pois, a

noção que serve de régua onde se medem as hierarquias envolvidas no coletivo de natureza-cultura no qual participam técnicos, cientistas e seres naturais da REBio de Comboios.

Atribuir alma, ou deveres morais, no caso específico da tartaruga 'louca' constitui uma tentativa (inconsciente) de enquadrá-la na moralidade em questão. Como a tartaruga agiu como uma ameaça de relativização, fugindo das prerrogativas atribuídas como inerente aos seres naturais e objetiváveis, atribuiu-se-lhe alma (mais uma vez, inconscientemente) no intuito de envergonhá-la (coagi-la talvez? Culpá-la!). Seguem mais alguns trechos de Roy Wagner (2012):

... não são apenas essas convenções obviamente coletivas e 'feitas', como governo e o conhecimento, que encarnam o nosso mundo moral. Tudo o que 'fazemos' participa dele. Há uma moralidade das 'coisas', dos objetos em seus significados e usos convencionais.

[...]

Objetos e outros fenômenos humanos que nos cercam – na verdade, todas as coisas dotadas de valor ou significância cultural – são nesse aspecto 'investidos de vida; fazem parte do eu e também o criam. (WAGNER, 2012, p. 192; 193)

A atribuição de uma alma está de acordo com a proposta de Descola (2000, p. 162) de que todos os “modos de identificação” dos seres tem um referencial antropocêntrico, ou seja, *a objetivação dos não-humanos não pode ser dissociada da objetivação dos humanos*.

Para além ainda da cosmologia científica puramente - entendida enquanto metafísica, no caso do pensamento ocidental “moderno” - podemos notar também as mutações do senso comum acerca das concepções sobre os animais mediante a produção de fatos, ou seja, mesmo em nossa cosmologia moderna ocidental observamos identidades animais instáveis. A questão é que em nossa sociedade a mudança de identidade exige um processo de objetivação em termos absolutos⁴⁶ que garanta uma estabilidade pretendida para o coletivo e que visa à previsão.

Assim, talvez seja possível demonstrar que a dita cultura ocidental não é homogênea, e , que nem tudo deve ser analisado como se estivesse sob a égide científica. Tal análise serve muito bem para dimensões de análises mais macrológicas (sociológica e política – institucional), isto é análise de instituições, leis,

⁴⁶ Referencia à 'objetividade absoluta' de Roy Wagner (2012).

organismos sociais e seu funcionamento, como procurei fazer na primeira parte desta monografia. Descendo o nível de análise até o patamar mais individual, *monadológico* (TARDE, 2007), observam-se aspectos que destoam das análises mais institucionais e objetivas, veem-se afetos, emoções, ações que fogem às intenções racionadas e discursadas; em outras palavras, há relações entre humanos e não humanos que fogem aos padrões cosmológicos observados no âmbito macro (ciência instituída tradicionalmente como forma de pensar e a técnica como forma de interagir com o mundo). Busquei evidenciar, com o caso da “tartaruga louca”, como uma operação tida como referente às cosmologias animistas pode estar subjacente a procedimentos técnicos pretensamente referentes a cosmologias “naturalistas”. Em síntese, propus que no âmbito das micro relações, observadas a partir do aporte teórico de Wagner (2012), o próprio “naturalismo” constitui-se de um precipitado de relações “animistas” não evidentes, ou não reconhecidas enquanto tais. Descola (2000) assim define o “animismo”:

... o animismo é a crença de que os seres naturais são dotados de um princípio espiritual próprio, e de que os homens podem, então, estabelecer com estas entidades relações de um tipo particular e geralmente individual: relações de proteção, de sedução, de hostilidade, de aliança ou troca de serviços. (DESCOLA, 2000, p. 159)

A explanação de Descola sobre o animismo, contudo, nos apresenta um desafio, pois nos coloca diante do pressuposto da “crença” de que os seres naturais possuem um princípio espiritual próprio. Não perguntei aos nativos se eles possuíam tal crença, mas creio que certamente a maioria deles diria que não. Ora, se eles não possuem tal crença como se poderia dizer que são animistas?

Para tratar desta problemática talvez seja necessário recorrer a uma distinção entre ‘ação’ e ‘discurso’. Sabemos que o discurso conservacionista trata da intenção de ‘conservar a natureza’. Por outro lado busquei em minha breve descrição etnográfica focar a ação conservacionista de carebar, na busca de seu desdobramento como ‘relação’. A ação, portanto, se assume pela intenção de objetificar a natureza (purifica-la), reduzindo-a a um *modus operandi* maquínico, ou seja, que segue as leis da natureza, seus ciclos; o discurso dos nativos revela esta intenção, mas a realização (obviação) parece pedir uma “relacionização” (relacionar) que aparece como ‘ato falho’, revelando um entendimento/relacionamento animista ao conferir atributos humanos a um não-humano. Este ato ‘falho’ evidencia como

que, ainda que o mito conservacionista coloque a origem ontológica (tanto do humano quanto do animal) numa animalidade comum aos dois (SÁ, 2013), o simbolismo inconsciente dos indivíduos parece colocar a humanidade como condição originária compartilhada, ao modo das cosmologias ameríndias (VIVEIROS DE CASTRO, 2002). Logo, o sentido da ação pode ter conteúdo diferente do significado atribuído *ad hoc* à ação. Gostaria de concluir com um trecho de Sá (2013), onde o autor coloca de maneira muito esclarecida esta ‘coabitação’ de diferentes modos de “objetivação da natureza” (DESCOLA, 2005 *apud* SÁ, 2013, p. 162), de maneira que eles *não devem ser pensados como hegemônicos, [já que] cada um tolera a existência discreta dos outros três desde que essas manifestações não questionem a função instituinte do modo preponderante:*

Não tenho a intenção de tratar os primatólogos como animistas, nem mesmo em afirmar que alguns deles o são. Meu propósito foi sugerir que em determinadas circunstâncias, a partir de certos pontos de vista, e em algumas situações, a relação entre primatólogos e primatas oferece a possibilidade de configurar-se animicamente. Trata-se, segundo minha compreensão, de um tipo de *curto-circuito* animista dentro de um sistema bem mais amplo que funciona segundo uma lógica naturalista. Sob esse aspecto, a própria existência de múltiplas naturezas num regime naturalista só pode ocorrer se este, teoricamente, estiver em perspectiva. Antes de conceber os diferentes sistemas ontológicos como formas estanques e separadas, há que se olhar para esses atalhos que articulam os diversos mundos que nos rodeiam. (SÁ, p. 163)

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Às escassas afirmações amadurecidas em mim até então na demanda do verdadeiro fim de minha vida, veio agregar-se agora esta: a contemplação dessas criaturas, o abandono às formas irracionais, singulares e retorcidas da Natureza, despertam em nós um sentimento de consciência do nosso interior com a vontade que as fez nascer e acabam por parecer-nos criações próprias, obras de nosso capricho; vemos tremer e dissolver-se as fronteiras entre nós e a Natureza, e conhecemos um novo estado de ânimo em que já não sabemos se as imagens refletidas em nossa retina procedem de impressões exteriores ou interiores. Nenhuma outra prática nos revela tão singelamente quanto esta até que ponto também somos criadores e como nossa alma participa sempre de uma contínua criação do mundo. [...]”

Sempre achamos que são demasiadamente estreitos os limites de nossa personalidade! Atribuímos à nossa pessoa somente aquilo que distinguimos como individual e divergente. Mas cada um de nós é um ser total do mundo, e da mesma forma como o corpo integra toda a trajetória da evolução, remontando ao peixe e mesmo a antes, levamos em nossa alma tudo o quanto desde o princípio está vivendo na alma dos homens. Todos os deuses e todos os demônios que já existiram, quer entre os gregos, os chineses ou os cafres, todos estão conosco, todos estão presentes, como possibilidades, desejos ou caminhos.”

(DEMIAN - Herman Hesse, p. 103)

Tendo em vista o exposto, parece-me que o engajamento dos corpos parece ter a ver com diferenças relatadas no modo de encarar a natureza. Tal como indicado em Milton (2002), Maturana (2001) e Ingold (2010), o aprendizado, o conhecimento, é inextricavelmente dependente das emoções que o compõe. Pensemos no ‘caso da tartaruga louca’: em uma entrevista “formal”, possivelmente os representantes das ciências, procurariam ou teriam de antemão, uma explicação científica – *coletivizante*, neste sentido – ao invés de dizê-la ‘louca’. Mas a *obviação* deste aspecto histórico digamos, traz uma riqueza à análise, que de outro modo seria difícil de se obter. A peculiaridade e a confluência de fatores como a descontração da situação do trabalho de campo, o ambiente onde experiências das

mais exóticas ocorrem (disco voadores, por exemplo!), a escuridão, contatos ‘imediatos’ com seres magníficos como as tartarugas, o céu, o mar, a brisa, tudo isso foi necessário (e inevitável) para que aquela tartaruga de comportamento excepcional se tornasse naquela narrativa “a louca”. Dito isto, me lembro da entrevista de Latour falando então que o que acontece nos recintos (laboratórios) naturalistas é algo que difere do discurso do naturalismo:

E assim, o paradoxo é que sabemos menos sobre as ontologias mobilizadas pelos biólogos, pelos técnicos de computação, pelos empresários, que sobre aquelas mobilizadas pelas práticas de caça ahuar. Porque pensamos que os brancos, os habitantes do centro, realmente possuem uma ontologia naturalista. Isso é uma verdade tão superficial que acaba por se tornar completamente falsa.

Então, direi, para retomar os termos da questão de vocês, que não se trata aqui de uma ontologia pura e simples, mas de uma ontologia que ainda não conhecemos, em virtude da falta de estudos. Mas quando estamos diante de alguns bons trabalhos [...], vemos que a ontologia naturalista de Descola e Viveiros de Castro não parece descrever muito bem o que se passa nesse laboratório. Coisas estranhas acontecem com os seres biológicos. Isso não quer dizer que os biólogos sejam animistas, isso significa que acontecem coisas que a criação do recinto modernista permite. Quando se está no recinto modernista, é possível fazer experiências sobre as ontologias que não se pode fazer quando se está no terreno do animismo. É essa a diferença crucial, é essa a particularidade do naturalismo. (LATOUR, 2004)

Tal experiência ontológica parece ser o que acontece naquele recinto que resolvi chamar de “Estado de conservação”. No primeiro capítulo debrucei-me mais sobre as redes científicas e institucionais que constituem objetos naturais. No segundo momento, procurei observar melhor os movimentos que ocorrem dentro deste recinto, uma vez ele formado. Antes, previamente ao Tamar, havia um coletivo de natureza-cultura onde as associações não pareciam levar em conta os grandes divisores (GOLDMAN; LIMA, 1999), ao modo naturalista. A instalação do recinto permitiu experiências ontológicas que alteraram (lentamente) as associações no coletivo e a hierarquia entre os seres que o compõem (DESCOLA, 2000). A partir de novos tipos de engajamentos entre os corpos, constituíram-se outras ontologias oriundas de encontros pragmáticos (ALMEIDA, 2013). Disso a importância de se ir a campo e observar o engajamento dos corpos no ambiente, as experiências e as emoções envolvidas; e, por isso, nossa opção por uma abordagem mais estética, mais sinestésica, capaz de privilegiar, de algum modo, a experiência e o sentido dos ‘corpos-em-ambientes’ (ver INGOLD, 2012).

Destarte, é possível refletir, nessas considerações finais, sobre algumas das consequências dos engajamentos dos corpos dos jovens estagiários de praia do Tamar, que, como analisado, são aqueles que estão entre os humanos autorizados a se relacionar mais intimamente com as tartarugas marinhas durante a época de desova e eclosão de seus filhotes.

Le Breton, em seu texto “O Corpo Acessório” (2003) trata da relação que se dá atualmente nas formas corporais e a construção das identidades, do self. Segundo o autor,

... o desinvestimento dos sistemas sociais de sentido conduz a uma centralização maior sobre si. A retirada para o corpo, para a aparência, para os afetos é um meio de reduzir a incerteza buscando limites simbólicos o mais perto de si possível. Só resta o corpo para o indivíduo acreditar e se ligar. (p. 32)

As modificações do corpo são formas de modificar a própria Vida, pois estão implicadas nas formas de se emaranhar no mundo, de agir nele e com ele. É talvez o inverso de “mudar o mundo para mudar a própria condição de existência”; ou melhor, talvez seja a percepção de que do mundo ao corpo, ou da existência à sua condição, o caminho é sempre duplo: mão e contramão.

A abordagem desse autor enfatiza bastante as modificações em corpos (meramente) “acessórios”⁴⁷, que devem ser modelados numa busca de si, ou em querer transformar o olhar do outro sobre si – corpo que é “vetor de uma identidade ostentada” (p. 30).

Desejo explorar como acontece a saída de si para que se realize esse encontro consigo mesmo⁴⁸ em um caso específico: a prática da “carebada” em Regência. No entanto, e talvez extrapolando o simbólico no modo como trabalha Le Breton na referida obra, gostaria de colocar o simbolismo em “movimento”, donde verifico que manipular o corpo é uma ação, e que as identidades construídas, neste sentido, também se desenvolvem em processos de envolvimento de si mesmo com o mundo (INGOLD, 2012).

⁴⁷ Ver os exemplos suscitados por ele. São principalmente relativos a símbolos que se imprimem no corpo, ou mesmo objetos acessórios; além das questões relativas às mudanças de gênero; explorando as construções de identidades buscadas nestes “acessórios”.

⁴⁸ *É preciso se colocar fora de si para se tornar si mesmo*, diz Le Breton (2012, p. 29)

A manipulação de si é dependente, proponho, não somente de um ‘sentido’ ou significado que se atribui a partir de usos (de) acessórios do (no) corpo, tal como se poderia tirar de uma leitura mais apressada de Le Breton. O que me parece é que o sentido é fruto do que é sentido efetivamente pelo sujeito, ou seja, os afetos que o corpo sofre e/ou dos quais goza são constituintes do corpo manipulado (e que manipula).

Os movimentos e dobramentos, as sujeições em que se colocam os corpos proferem os sentimentos-sentidos por ele e produz seus limites simbólicos - não menos materiais ou fisiológicos; aliás, estreitamente dependentes deles. Basta pensar no exemplo que sigo: os corpos dos estagiários em Regência. Os movimentos de caminhar longas distâncias na areia⁴⁹, trabalhar sob o sol, sob a chuva, calor, vento, frio, dormir pouco ou mal, cavar buracos na areia grossa, residir num local cercado de mato, sons e odores característicos, tudo isto modifica os corpos. As unhas se quebram na areia, o sol descasca a pele, os músculos se enrijecem, as solas dos pés engrossam, os humores se alteram pela dieta e privação de sono.

A prática da carebada possui um elemento simbólico fortíssimo implicado na noção ética de proteção/conservação da natureza, mas igualmente implicada ao modo como ela acontece, ou seja, na prática de ‘campo’. Fazer ‘campo’ é - e os estagiários sabem bem disso – sujeitar o próprio corpo a esses afetos. O propósito ali não é o de simplesmente buscar a si mesmo a partir destas afetações, tampouco modificar o olhar do outro sobre si, mas sobretudo orientar-se pela ideia de que isso tudo esta implicado também numa busca do mundo (de um ideal de mundo), de tal modo que este mundo depende de determinados corpos⁵⁰.

⁴⁹ Durante uma ida a campo para carebar em Jacaraípe, meus interlocutores conversaram sobre outro homem que costumava fazer a carebada em determinado trecho de Jacaraípe. Ele, pelo que pude entender, estava naquele momento passando por problemas de saúde e não estava podendo carebar. Segundo um de meus interlocutores, o tartarugueiro em questão estava com problemas nas pernas; para ele, devido às longas caminhadas na areia no decorrer de vários anos. [vc foi para carebar ou os seus interlocutores é que foram? Quando ouviu a história – mês/ano?]

⁵⁰ Lembro-me do vídeo de Viveiros de Castro sobre o fim do mundo (site: <http://vimeo.com/78892524>, acesso em 24/07/2014), no qual ele levanta a questão de que os objetos carregam suas implicações (para além de uma função abstrata). Num certo sentido, meu argumento acompanha esta ideia, porém trato de corpos humanos enquanto Viveiros de Castro se referia aos objetos técnicos. Ainda assim considero os argumentos muito próximos, uma vez que levamos em conta a “vida dos objetos” (LATOUR, 2012; INGOLD, 2012).

Dessa forma, não há separação entre corpo e consciência (seja ela ecológica ou qualquer outra). A pretensão de um mundo ecologicamente coerente exigiria, de certa forma, que os corpos sentissem aquilo que estes estagiários sentem, ou *como* sentem; mas, sobretudo, a partir do que eles sentem. Talvez os empreendimentos de levar os turistas para carebar e para assistir soltura dos filhotes tenha este “sentido-sentimento”, tal como revelou-me certa vez uma nativa ao falar da importância da sensibilização através da ‘soltura’⁵¹ dos filhotes.

Esta estética com/dos os corpos conservacionistas é produto de uma determinada técnica; aquela dos procedimentos que norteiam o trabalho de campo da conservação das tartarugas marinhas. Sobre esse ‘trabalho de campo’, é possível dizer que um dos principais elementos que motivam os estagiários a ir a campo é o contato com a natureza que ele proporciona⁵², perspectiva interessante e, me parece, análoga a do filósofo da técnica, Simondon, citado em trecho de texto de Laymert (1998. p. 43), no qual ele diz:

A atividade técnica [...] vincula o homem à natureza [...] ⁵³. [...] O ser técnico só pode ser definido em termos de informação e de transformação das diferentes espécies de energia ou de informação, isto é, de um lado como veículo que vai do homem ao universo e de outro como veículo de uma informação que vai do universo ao homem. ⁵⁴

Quando digo ‘contato com a natureza’ quero ressaltar a relação que está em jogo. Há, portanto, polos distintos, mas que se comunicam, ou trocam *informações* e se *transformam* mutuamente: natureza e estagiários, os homens e o universo, como coloca Simondon. Na atividade – a atividade técnica mesmo, donde surge a integração entre estes polos -, homem e universo, ou natureza, inventam-se. Santos diz que sua concentração no trabalho de Simondon, dentre outras coisas, reside na possibilidade de que a salvação – acrescentaríamos salvação do homem e da natureza, no que se refere ao conservacionismo – “poderia ser uma invenção do homem e da natureza” (SANTOS, 1998. p. 44).

⁵¹ A referida “soltura” tem marcadamente um caráter espetacularizado, aparecendo talvez como um ritual devido o seu aspecto pedagógico, envolvendo os visitantes que assistem num certo sentimento ecológico. É prática comum realizada pelo TAMAR em seus Centros de Visitantes.

⁵² Faço esta colocação a partir de meu próprio trabalho de campo, conversando e pesquisando com os estagiários em Regência.

⁵³ SIMONDON, G. *Du mode...*, in SANTOS, 1998. P. 43

⁵⁴ SIMONDON, G., *L'individuation...*, in SANTOS p. 43

Se concentramos a atenção no trabalho de Simondon foi porque ele é particularmente poderoso para pensarmos uma relação positiva entre natureza e tecnologia e articular, em termos coerentes, a necessidade de salvar a bio-sociodiversidade com a necessidade de salvar, também, a tecnologia. E, finalmente, porque ele nos dá condições de descobrir que a própria salvação poderia ser uma invenção do homem e da natureza.

Como colocado pelo antropólogo Viveiros de Castro (2002), os tecnocientistas são em alguma medida os *xamãs* de nossa sociedade moderna⁵⁵. São eles, que por meio da técnica, estabelecem algum diálogo com o mundo, acessam aquilo que, de alguma forma, se encontrava oculto, ou inacessível, à realidade banal (SANTOS, 1998. p. 45). Inventam homens e universos, naturezas e culturas, nesse diálogo com este 'outro' que é a natureza.

No primeiro capítulo, explorei a dimensão da técnica em sua articulação com os processos de objetivação dos entes naturais, bem como os compromissos assim compactuados. Em seguida busquei relativizar estes mecanismos e observar – para além da objetivação -, por exemplo, ao destacar a precipitação de uma *personalidade* ou subjetividade da tartaruga marinha a partir da anedota da “tartaruga-louca”. Finalmente, busquei alargar os horizontes que vislumbram a técnica. Esta, uma vez observada enquanto ‘encontro pragmático’ revelou-se como detentora de uma vasta riqueza ontológica.

Considerarei, então, que a importância dos estudos sobre a técnica/tecnologia/ciência reside em tomá-la como experiência. Até aqui esta noção foi usada de maneira um tanto genérica e por isso proponho agora uma reflexão sobre o termo.

Para Larrosa (2002) a *experiência* é uma espécie de mediação entre o “conhecimento” e a “vida”. Ele adverte, contudo, que estes termos não devem ser entendidos da maneira como o são habitualmente:

o conhecimento é essencialmente a ciência e a tecnologia, algo essencialmente infinito, que somente pode crescer; algo universal e objetivo, de alguma forma impessoal; algo que está aí, fora de nós, como

⁵⁵ *O equivalente funcional do xamanismo indígena é a ciência. É o cientista, é o laboratório de física de altas energias, é o acelerador de partículas. O chocalho do xamã é um acelerador de partículas.* (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, p. 490)

algo de que podemos nos apropriar e que podemos utilizar; e algo que tem que ver fundamentalmente com o útil no seu sentido mais estreitamente pragmático, num sentido estritamente instrumental. O conhecimento é basicamente mercadoria e, estritamente, dinheiro; tão neutro e intercambiável, tão sujeito à rentabilidade e à circulação acelerada como o dinheiro. Recordem-se as teorias do capital humano ou essas retóricas contemporâneas sobre a sociedade do conhecimento, a sociedade da aprendizagem, ou a sociedade da informação.

E sobre a “vida” ele continua:

... a ‘vida’ se reduz à sua dimensão biológica, à satisfação das necessidades (geralmente induzidas, sempre incrementadas pela lógica do consumo), à sobrevivência dos indivíduos e da sociedade. Pense-se no que significa para nós “qualidade de vida” ou “nível de vida”: nada mais que a posse de uma série de cacarecos para uso e desfrute. (p.27)

E por fim conclui:

Nestas condições, é claro que a mediação entre o conhecimento e a vida não é outra coisa que a apropriação utilitária, a utilidade que se nos apresenta como “conhecimento” para as necessidades que se nos dão como “vida” e que são completamente indistintas das necessidades do Capital e do Estado. (p. 27)

Para o autor, é necessário que se compreenda o saber da experiência no modo como alguém vai respondendo aos acontecimentos ao longo de sua vida, ou seja, como se vai *sentindo* e com isso atribuindo *sentido* àquilo que lhe acontece. Assim a experiência é sempre algo que atravessa o sujeito de maneira singular (LARROSA, 2002), e de onde ele retira o aprendizado. Desta concepção de experiência ela traça uma diferença do “experimento”. O último estaria ligado mais ao método da ciência objetiva, sendo uma etapa no caminho seguro da ciência para a busca da inteligibilidade que o mundo oferta, suas regularidades de onde de podem conhecer as coisas e dominá-las. Assim, tem-se que, de um lado, o experimento na sua forma de conhecer o mundo racionalmente permite as formulações contratuais entre os entes na formulação estatal. Contudo, nesse mesmo terreno, pragmáticamente, experiências de ordens intensivas aparecem, relativizando as distinções:

Aqui caberia apenas acrescentar que se essa ordem intensiva não conhece distinção de pessoas nem de gêneros, tampouco conhece qualquer distinção de espécies, particularmente uma distinção entre humanos e não-humanos: no mito, todos os actantes ocupam um campo interacional único, ao mesmo tempo ontologicamente heterogêneo e sociologicamente contínuo; ali onde toda coisa é “humana”, o humano [e o não-humano, eu acrescentaria] é toda uma outra coisa. (VIVEIROS DE CASTRO, 2007. p.114)

Penso que no decorrer deste trabalho acabei por misturar o tempo todo, ao modo de campos intensivos, as *coisas* e as *ideias*, os objetos e as concepções, as normas e os seres humanos, os animais e as metáforas, os lugares e os discursos, as experiências e os valores, os contratos e os contatos. Não tive a intenção, contudo, de equipará-las, como coloca Goldman (2011):

Certamente, coisas e ideias não são a mesma coisa - nem a mesma ideia. Mas isso não significa que as relações entre elas sejam da ordem da hierarquia vertical, com umas, não importa quais, sendo mais importantes do que as outras. Sua relação, como diria Guatarri, é transversal; para um antropólogo, a questão é como traçar transversalmente as relações entre o que aprendeu na academia e aquilo que viu e que seus amigos lhe ensinaram no campo. (GOLDMAN, 2011, p.211)

REFERÊNCIAS:

- ALMEIDA, M. B. "Caipora e outros conflitos ontológicos". *R@U* n. 5, v. 1. 2013.
- ALMEIDA, A. P.; THOMÉ, J. C. A.; BAPTISTOTTE, C.; MARCOVALDI, M. A.; SANTOS, A. S. S. & LOPEZ, M. Avaliação do estado de conservação da tartaruga marinha *Dermodochelys coriácea* (Vandelli, 1761) no Brasil. *Biodiversidade Brasileira*, 1: 37-44. 2011.
- ALMEIDA, P. A; MENDES, S. L. An Analysis Of The Role Of Local Fisherman On The Conservation Of The Loggerhead Turtle (*Caretta Caretta*) In Pontal do Ipiranga, Linhares, ES, Brazil. *Biological Conservation*, United Kingdom, 134: 106-112. 2007.
- BEVILAQUA, C. B. Espécies invasoras e fronteiras nacionais: uma reflexão sobre os limites do estado. *Revista ANTHROPOLOGICAS*, ano 17, v. 24(1). 2013
- CREADO, E. S. J. ; TORRES, C. C. A.; FREITAS, P. L. T. *Algumas reflexões sobre o ambientalismo e duas de suas espécies emblemáticas*. Trabalho apresentado na 28ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 02 e 05 de julho de 2012, em São Paulo, SP, Brasil. 24 p.
- DESCOLA, P. Ecologia e Cosmologia. In: DIEGUES, A. C. *Etnoconservação: novos rumos para a Conservação da Natureza*. SP: Hucitec/NUPAUB-USP, 2000.
- DESCOLA, P. *Beyond Nature and Culture*, translated by Janet Lloyd. Chicago: University of Chicago Press. 2012.
- FERRARA, C. R., VOGT, R. C. AND RENATA, S. S.. Turtle vocalizations as the first evidence of posthatching parental care in chelonians. *Journal of Comparative Psychology* 127:24–32. 2013.
- FERREIRA JÚNIOR, P.D. Aspectos Ecológicos da Determinação Sexual em Tartarugas. *Acta Amazonica*, 39: 139-154. 2009a.
- FERREIRA JÚNIOR, P. D. Efeitos de Fatores ambientais na reprodução de tartarugas. *Acta Amazonica*, 39: 319-334. 2009b.
- FREIRE, L. L. Seguindo Bruno Latour: notas para uma antropologia simétrica. *Comum*. nº 26,11: 46-65 - Rio de Janeiro, 2006.
- FREUD, S. *O Mal-Estar Na Cultura*. 1930. Coleção L&PM Pocket. Rio de Janeiro. 2010.
- FUNDAÇÃO PRÓ-TAMAR. *Assim nasceu o Projeto Tamar*. Salvador: Fundação Pró-Tamar, 2000.
- GOLDMAN, M. O fim da antropologia. *Novos estud. - CEBRAP*, n. 89. São Paulo, Mar. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-

33002011000100012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 17 jul. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-33002011000100012>.

GOLDMAN, M.; LIMA, T. S. Como se faz um grande divisor? In: GOLDMAN, M. *Alguma antropologia*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1999. p. 83-92.

GUATTARI, F. *As três ecologias*. 20ª ed. Trad. Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papirus, 2009, 56p.

HAMANN, M., GODFREY, M.H., SEMINOFF, J.A., ARTHUR, K., BARATA, P.C.R., BJORN DAL, K.A., BOLTEN, A.B., BRODERICK, A.C., CAMPBELL, L.M., CARRERAS, C., CASALE, P., CHALOUPKA, M., CHAN, S.K.F., COYNE, M.S., CROWDER, L.B., DIEZ, C.E., DUTTON, P.H., EPPERLY, S.P., FITZSIMMONS, N.N., FORMIA, A., GIRONDOT, M., HAYS, G.C., CHENG, I.J., KASKA, Y., LEWISON, R., MORTIMER, J.A., NICHOLS, W.J., REINA, R.D., SHANKER, K., SPOTILA, J.R., TOMÁS, J., WALLACE, B.P., WORK, T.M., ZBINDEN, J. AND GODLEY, B.J., 2010. Global research priorities for sea turtles: informing management and conservation in the 21st century. *Endangered Species Research*, 11, 245-269.

ICMBio (Instituto Chico Mendes de Conservação para a Biodiversidade). *Plano de Ação Nacional Para Conservação das Tartarugas Marinhas*. Série Espécies Ameaçadas nº 25. Brasília: ICMBio, 2011. Disponível em: <http://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/docs-plano-de-acao/pan-tartarugas/livro_tartarugas.pdf>. (vários acessos).

INGOLD, T. Da transmissão de representações à educação da atenção. *Educação*, n. 1, 33: 6-25. Porto Alegre, jan./abr. 2010.

INGOLD, T. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos*, ano 18, n. 37, p. 24-44. Porto Alegre, jan./jun., 2012.

LATOUR, B. *Jamais fomos modernos: ensaio de Antropologia simétrica*. (Trad. Carlos Irineu da Costa) Rio de Janeiro: Ed.34. [1991] 1994.

LATOUR, B. *Ciência em Ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo: UNESP, 2000.

LATOUR, B. *Políticas da natureza: como fazer ciência na democracia*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2004a.

LATOUR, B. Por uma antropologia do centro. *Mana*, v. 10, n. 2. Rio de Janeiro, 2004b. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132004000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 jul. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93132004000200007>.

LATOUR, B. *Reagregando o Social*. Bauru, SP: EDUSC/ Salvador, BA: EDUFBA. 2012.

LE BRETON, D. *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. Campinas: Papirus, 2003

LIMA, T. S. & GOLDMAN, M. "Prefácio", In: CLASTRES, P. *A Sociedade contra o Estado*. São Paulo, Edição Cosac & Naify Portátil, p. 9-24. 2013

MARRAS, S. *Os ambientes dos ambientes*. Trabalho apresentado na IV Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia (IV ReACT), ocorrida entre os dias 24 e 26 de setembro de 2013 no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

MALINOWSKI, B. *Magia, ciência e religião*. Tradução Segurado, M. G. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1988. 272 p.

MATURANA, H. *Cognição, ciência e vida cotidiana*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.

MILTON, K. *Enjoying Nature*. In: *Loving Nature: Towards an Ecology of Emotion*. London: Routledge, 2002. p. 55-72.

PERES, M. B.; VERCILLO, U. E. & DIAS, B. F. S. Avaliação do Estado de Conservação da Fauna Brasileira e a Lista de Espécies Ameaçadas: o que significa, qual sua importância, como fazer? *Biodiversidade Brasileira*, 1: 45-48. 2011.

RODRIGUES, E. *Biologia da conservação: ciência da crise*. *Semina: Ciências Agrárias*, n. 2, 23: 261-272. Londrina, jul./dez. 2002.

RODRIGUES, J. *Tartarugas Marinhas e sua Proteção: Encontros e Desencontros entre a População de Regência e o Projeto Tamar*. *Dissertação de Mestrado. Pós-Graduação em Políticas Sociais. UENF, 2004*.

ROHDEN, F. "Notas para uma antropologia a partir da produção do conhecimento, os usos das ciências, intervenções e articulações heterogêneas", In: FONSECA, C.; ROHDEN, F.; MACHADO, P. S. *Ciências na vida*. Antropologia da ciência em perspectiva, Terceiro Nome, São Paulo, 2012. p. 49-57.

SANCHES, T. M. (compilado por). *Tartarugas Marinhas*. Projeto TAMAR/IBAMA, maio de 1999. 42 p. Disponível em: <http://www.anp.gov.br/brnd/round5/round5/guia_s/sismica/refere/tartarugas.pdf>. (data do último acesso: 24/01/2011).

SANTILLI, J. *Desenvolvimento histórico e contexto político e social do surgimento do movimento socioambientalista no Brasil*. In: *Socioambientalismo e novos direitos - proteção jurídica à diversidade biológica e cultural*. Editora Petrópolis. São Paulo, 2005.

SANTOS, L. G. *Tecnologia, natureza e a "redescoberta" do Brasil*. In: HERMETES, R. A. (Org.) *Tecnociência e cultura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

SANTOS, C. H.; FERREIRA JÚNIOR, P. D. *Influência do local da desova na incubação de Dermochelys coriacea Vandelli, 1761 (Testudines: Dermochelyidae) na Reserva Biológica de Comboios, norte do estado do Espírito Santo, Brasil*. *Biota Neotropica*, n. 3, 9: 413-418. Campinas, 2009.

SANTOS, R. G. *Avaliação da População de Tartaruga-verde, Chelonia mydas, em uma Área de Alimentação e Desenvolvimento Degradada no Litoral do Espírito Santo, Sudeste Brasileiro. Dissertação De Mestrado. Pós-Graduação em Ciências Biológicas. UFES, 2009.*

SERRES, M. O Contrato Natural. Tradução de Serafim Ferreira. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 1994.

SUASSUNA, D. M. F. A. Entre dominação racional-legal e o carisma: o projeto Tamar e sua intervenção em comunidades pesqueiras do litoral brasileiro. *Sociedade e Estado*, n. 3, v. 20: 521-539. Brasília, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/se/v20n3/v20n3a01.pdf>>. (vários acessos)

TARDE, G. *Monadologia e Sociologia e outros ensaios*. Organização e introdução. Vargas, E. V. Trad.: Neves, P. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

VIVEIROS DE CASTRO, E. A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

VIVEIROS DE CASTRO. "Filiação Intensiva e Aliança Demoníaca", *Novos Estudos*, n. 77, março, São Paulo, 2007.

WAGNER, R. *A invenção da cultura*. São Paulo, Edição Cosac & Naify Portátil, 2012.

ANEXO

TABELA 2

- História de vida
- O modelo de conservação do Tamar: ecossistêmico x específico
- O que pensa da intervenção humana para conservar
- O que pensa sobre educação ambiental
- O que dos trabalhos de campo: realocar os ninhos, contar os ovos, carebar, colocar marcações...
- Formação acadêmica (Por que escolheu este curso?/ Trabalha com conservação?/ Qual o interesse com as tartarugas?)
- Relações anteriores com tartarugas ou outros animais, com o projeto Tamar, com a conservação
- Como foi a desova?
- Como conheceu o Tamar?
- Como é o treinamento?
- O que pensa sobre a conservação
- A reação dos turistas na abertura dos ninhos
- Como é a experiência de morar em Regência? (Por que vale a pena? De que sente falta?)
- O que é a natureza?
- Já encontrou uma tartaruga durante a carebada? Como foi?